

REESTRUTURAÇÃO DA EMPRESA NAS MÃOS DA EMPRESÁRIA

Isabel dos Santos na Angola Telecom

TELECOMUNICAÇÕES. O processo de reestruturação da operadora pública de telefones fixos conta com o envolvimento da empresária Isabel dos Santos, que está associada também às mudanças em curso na petrolífera estatal Sonangol. Segundo apurou o VALOR, a Deloitte e a UCall são duas das consultoras que conduzem os trabalhos de auditoria interna e de selecção dos quadros da empresa. Pág. 16



POR CAUSA DOS VISTOS, DO REGIME CAMBIAL E DA BUROCRACIA

Investidores estrangeiros fogem de Angola

Centena de milhões de dólares deixam de entrar no país por causa da insegurança de investidores, associada ao regime cambial em vigor desde 2012. Excesso de burocracia e dificuldades no acesso a vistos engrossam as dificuldades. Pág. 12

Quatro centralidades à espera de água e luz

A empresa que gere a construção e vendas das novas habitações antecipa a conclusão de uma centralidade e três urbanizações até fins do primeiro semestre, mas avisa que a comercialização vai aguardar pela segunda metade do ano. Pág. 17

ALCIDES GOMES CABRAL, VICE-GOVERNADOR DO NAMIBE

“A crise afecta-nos, não nos trava”



O vice-governador para a esfera económica do Namibe desafia o momento de crise e afirma que a província segue com os projectos “incontornáveis”, buscando opções alternativas sustentáveis. Págs. 4-6



País gasta sete vezes mais em serviços do que em comida

A média anual de pagamento de serviços é de 23,5 mil milhões de dólares. Apenas 3,66 mil milhões de dólares são destinados a bens alimentares, revela um documento oficial a que o VALOR teve acesso. Pág. 32

Moedas AKZ USD 163,7 kz (+1,8) ▲ EUR 185,9 kz (+1,5) ▲ LIBRA 232,3 KZ (+2,7) ▲ YUAN 25,2 kz (+0,3) ▲ RAND 11,0 kz (+0,2) ▲

Descarregue a App

Visite o website: www.valoreconomico.co.ao



Fuga de investimentos

O discurso oficial sobre a captação de investimento privado estrangeiro encerra uma dose cheia de contrariedades. Por um lado, as autoridades reconhecem que o aporte de capital externo é determinante para o processo económico, de uma maneira geral. Por outro, o Governo mantém dificuldades crónicas ou, pelo menos, não facilita, de forma convincente, os processos que permitem a entrada desse mesmo investimento.

As reclamações dos operadores económicos em relação ao conjunto dos constrangimentos vêm de longe. O Governo respondeu, sobretudo nos últimos quatro anos, mas com visível timidez. As respostas das autoridades concentram-se essencialmente na revisão da legislação e na criação de instituições com vocação para operacionalizarem as facilidades a vários níveis que o Estado concede. Mas toda essa reforma acabou por ignorar uma dimensão vital do problema, relacionada com questões práticas.

O caso dos vistos é dos mais esclarecedores. Por incrível que pareça, nos dias que correm e com uma crise que corrói o país inteiro por dentro, há investidores que reclamam pela demora na autorização de entradas em



Angola. Um dos entrevistados do VALOR desta semana faz, a propósito, revelações chocantes. Menciona o exemplo de potenciais investidores que se direccionaram para África com intenção de investimentos avultados, mas que deixaram Angola de parte por causa de dificuldades burocráticas. Não fosse o testemunho de um investidor com a dimensão de Alex Thomson-Payan, o fundador da Thomas Group International (TGI), a reclamação abeirava-se do ridículo.

É certo que o dossier dos vistos, para um país como Angola que despertou o apetite descontrolado de vários interesses, justificava um tratamento cauteloso. Mas nenhum cuidado deveria ser confundido com a histeria ou com o zelo desnecessário, ao ponto de pôr em causa interesses vitais do país. Porque, por muito que o Governo se ex-

plique com eventuais argumentos de protecção da soberania, jamais será percebido, se aquilo que considera como ameaça contra o Estado for a fuga desenfreada de investidores, por causa de vistos e do resto da burocracia.

Dito isto, há que lembrar também que os tempos mudaram completamente. O contexto económico que motivou cautelas, no limite do exagero, em relação à entrada de estrangeiros, está completamente alterado. No curto prazo, Angola não é um país interessante no todo, em matéria de investimentos, pelo menos para quem nos encara de fora. Sê-lo-á seguramente a médio e longo prazos. E só pensa além do curto prazo quem possui motivação genuína de investir de forma comprometida. No fundo, é mais uma razão para se perceber que quem procura Angola por esses dias para aplicar dinheiro não pode ser o tipo de pessoas que levou o Governo a afunilar os vistos.

O que falta apenas dizer é mais do que uma constatação. É uma verdade terminada. Se não houver mudanças práticas em relação à entrada dos potenciais investidores estrangeiros, as apresentações, sobre as potencialidades do país, que levam as agências do Governo a gastar dinheiro lá fora estarão muito próximas de meras acções de charme.



FICHA TÉCNICA

Director-Geral:

Evaristo Mulaza

Directora-Geral-Adjunta:

Geralda Embaló

Editor Executivo: António Nogueira

Editor gráfico e chefe de produção: Pedro de Oliveira

Redacção: António Miguel, Isabel Dinis, José Zangui, Nelson Rodrigues e Valdimiro Dias

Secretária de Redacção: Lúcia de Almeida

Fotografia: Manuel Tomás, Mário Mujetes e Santos Samuessa

Paginação: Francisco de Oliveira, João Vumbi e Edvandro Malungo

Colaboradores: Cândido Mendes

Produção gráfica: Notiforma SA

Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda

Tiragem: 4.000 N° de Registo do MCS: 765/B/15

GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração:

Geralda Embaló e Evaristo Mulaza

Departamento Administrativo: Jessy Ferrão, Nelson Manuel e Valdimir de Almeida

Departamento comercial: Arieth Lopes, Geovana Fernandes e Mariquinha Rego

Tel.: +244941784790-(1)-(2)

N° de Contribuinte: 5401180721; **N° de registo estatístico:** 92/82 de 18/10/82

Tel.: +244 936272323

Endereço: Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade, Luanda/Angola, Telefones:

+244 222 320510, 222 320511

Fax: 222 320514

A semana

3 PERGUNTAS A...



JOSÉ SEVERINO

Como encara a recente revisão em baixa do PIB angolano pelo FMI?

Angola precisa de investir mais para crescer acima dos 3%. Temos de pensar num crescimento de dois dígitos e não ficarmos acomodados nos dois ou 5%.

Com este crescimento, a população não sente os efeitos, é como ter rebufado quando precisamos de sapato.

E como se dá a volta?

Apostando em outros sectores, mas acontece que o país não tem dinheiro. O principal parceiro económico de Angola, a China, está em contracção e, enquanto dependermos da China, teremos muitas dificuldades. A China ajudou a reconstruir o país e hoje quase todo o petróleo vai para lá a preço baixo de 30 dólares o barril, não sobrando muito para os angolanos.

Não há alternativas?

Temos de abrir o mercado para que os investidores estrangeiros entrem. A lei do investimento ainda não é atractiva. Angola precisa de investir 10 mil milhões de dólares por ano e não tem este dinheiro. É preciso rever a lei do investimento para atrair mais investidores.

TERÇA-FEIRA
O grupo Zahara pretende investir 45,3 milhões de dólares no comércio de vestuário, calçados e acessórios. Para o efeito, celebrou um acordo com a Unidade Técnica para Investimento Privado, rubricado pelo PCA da UTIP, Norberto Garcia, e o PCA da Zahara, Paulo Sousa.

QUARTA-FEIRA
A Lei do Investimento Privado foi apresentada em Buenos Aires, Argentina, pelo presidente da Agência para a Promoção de Investimento e Exportações de Angola, António Henriques Silva, durante um simpósio sobre Segurança Alimentar Global e Bioenergia.

QUINTA-FEIRA
A Sonangol EP anunciou a descoberta de reservas de petróleo e gás natural que atingem pelo menos 2,2 mil milhões de barris de petróleo nas bacias do Kwanza e Congo. Trata-se dos poços Lontra I, Lira e Katambi.



04

SEGUNDA-FEIRA

O projecto Aldeia Nova, situado no Waku-Kungo, Kuanza-sul, investiu o equivalente em kwanzas a 10 milhões e 500 mil dólares com vista à produção de ovos de codornizes, reabilitação e equipamento das ordenhas para a produção do leite, informou o director geral Coby Triviski.

SEXTA-FEIRA
O relatório do mercado petrolífero, divulgado pela OPEP, indica que Angola ultrapassou a Nigéria como o principal produtor de petróleo de África, em Março, com a produção de 1,778 milhões de barris. A produção da Nigéria esteve cifrada em 1,722 milhões de barris/dia.



SÁBADO
O Banco Económico foi admitido como membro da Bolsa de Dívida e Valores de Angola (BODIVA), anunciou aquela instituição financeira bancária por via de uma nota de imprensa.



DOMINGO
O ministro da Finanças, Armando Manuel, chefiou a delegação multisectorial que se encontra em Washington, EUA, para participar nas reuniões com FMI e Banco Mundial, a decorrerem de 12 a 17 de Abril e para negociar o acordo de assistência técnica e financeira.



COTAÇÃO



MERCADOS EMBAIXA

O Bovespa brasileiro tem registado as maiores oscilações nos principais mercados. Depois de fechar a semana com ganhos de mais de 3%, fecha esta com perdas de 1.39%. Depois de valorizarem animados pelas previsões de subida do petróleo, os mercados voltaram a cair após o relatório da OPEP que não prevê cortes de produção. O S&P 500 foi a excepção. Depois de ligeiras perdas, voltou a recuperar 0.02%.

Índice	Valor	Variação	Variação %	Estado
SI 20	5.009,40	-17,60	-0,35%	🟢
AX Futuros	10.073,3	-48,2	-0,48%	🟢
AC 40	4.492,80	-18,71	-0,41%	🟢
IEX 35	8.854,50	-7,00	-0,08%	🟢
S&P 500 Futuros	2.073,25	-3,25	-0,16%	🟢
Dow 30 Futuros	17.825,5	-16,5	-0,09%	🟢
Índice Dólar	94,89	-0,05	-0,05%	🟢
Índice Euro	89,19	-0,06	-0,07%	🟢
petróleo Brent	43,54	-0,30	-0,68%	🟢
petróleo	41,07	-0,43	-1,04%	🟢
gás Natural	1,949	-0,021	-1,07%	🟢
ouro	1.230,70	+4,20	+0,34%	🟢
prata	16,235	+0,062	+0,38%	🟢
platina	2,156	-0,015	-0,69%	🟢
café Londres	1.539,00	+13,00	+0,85%	🟢
alumínio	1.549,50	-6,25	-0,40%	🟢

BOLSAS ARRASTADAS PELO PETRÓLEO

O PSI 20 seguiu as tendências europeias. Primeiro valorizou, depois caiu no vermelho. Acompanhou a maior subida do petróleo dos últimos quatro meses, depois caiu pelas previsões desanimadoras da OPEP. O impacto foi diminuído pela publicação de relatórios sobre o aumento da procura chinesa. As commodities viram o costumeiro refúgio dos investidores no ouro e na prata. O café fechou a ganhar 13%.

Entrevista

ALCIDES GOMES CABRAL, VICE-GOVERNADOR DO NAMIBE

“Não é a crise que nos faz atirar a ‘toalha ao tapete’”

O vice-governador para o Sector Económico do Namibe acredita que “é na crise que se devem encontrar soluções económicas sustentáveis, fazendo muito com pouco”. Em entrevista ao VALOR, Alcides Cabral defende um diálogo entre o governo e o sector privado para se minimizarem os efeitos da crise e faz um balanço do que é hoje o Namibe.

Por Nelson Rodrigues

Porque chamam o Namibe ‘terra da felicidade’? De nome inamos como sendo a ‘Terra da felicidade’, porque acreditamos que o Namibe é mesmo a terra da felicidade. É uma província ‘suis generis’ e ímpar em Angola, que é banhada por um Oceano com 485 quilóme-

tros de linha de água. E temos um deserto que é o mais antigo do Mundo – o Deserto do Namibe – situado a sudoeste da província.

Não temos grande vegetação. A flora é bastante escassa e temos de conviver com essa realidade. Mas o deserto é um desafio e consideramos como uma oportunidade que deve ser explorada de forma inteligente, muito parcimoniosa para que todos os recursos sejam utilizados de forma mais racional possível.

O país vive um período de crise económica. Como isto afectou a província? Não estaria a ser ético se dissesse que a situação económica do país não nos afecta. Mas não nos inibe, porque não

deixamos de fazer as nossas actividades pelo simples facto de o preço do nosso principal produto de exportação estar a um nível muito baixo. Talvez não estejamos a fazer a 100%, mas não deixamos de fazer. Porque entendemos que é melhor atingir um nível de execução mesmo que não seja a 100%.

Não é por isso que vamos cruzar os braços e atirar a toalha ao tapete. Muito pelo contrário. É neste mar de dificuldades que estamos a encontrar alternativas sustentáveis para podermos do pouco fazer o muito.

Foram obrigados a cortar nas despesas? Há actividades que não podemos fugir delas. Temos um cronograma até ao final do ano. Sabemos o que vamos fazer até Dezembro. Não esperamos que as coisas aconteçam. Essa é a nossa realidade no Namibe. Porque o governo é que tem de ser o promotor, dinamizador e incentivador de toda a acção. Então, temos de ir à luta.

Como vai aliviar a pressão da crise? Temos conversado com os nossos parceiros, camponeses e criadores de gado tradicionais. Se cada um der um cabrito, um boi, uma ovelha, uma galinha e até um ovo, vamos alimentar-nos e realizar a nossa actividade com a barriga cheia. Este é o ponto de partida. Depois é a vontade e o querer de cada um de nós. Por isso, é que dizemos no nosso ‘slogan’ e que é a bandeira que ostentamos: ‘Namibe – Terra da felicidade’.



“*Nunca lamentámos da seca, porque o Namibe é uma província desértica e o deserto é sinónimo de seca. O deserto existe por ausência de água. E é a única província no país que tem deserto. Estamos habituados a conviver com o deserto.*”

“*Se formos a contabilizar, apesar de não termos a estatística presente, o número de pessoas que dependem neste momento do peixe produzido no Namibe é capaz de chegar aos milhões. Sem exagero.*”

No Namibe, não há infelicidade para ninguém. Para nós, nada é impossível. Tudo é possível, desde que nos empenhemos e arregacemos as mangas.

O Namibe consta do grupo de províncias com alto potencial de criação de gado. Já é autossuficiente na alimentação?

Neste momento, podemos ombrear com as províncias onde já se produz tudo o que se consome. Não importamos nada do campo. Temos um efectivo pecuário que, ao nível do gado bovino, é o terceiro maior do país, e ao nível de caprino e ovino, temos o maior efectivo do país. Sem medo de errar, estamos com um efectivo avaliado aproximadamente em três milhões de caprinos e ovinos e à volta de um milhão e meio de bovinos.

Desde a carne aos legumes, produzimos tudo de que precisamos para a nossa subsistência, sem necessidade de importar rigorosamente nada. Temos condições, ao longo dos vários vales da província, atendendo que não temos nenhum rio de caudal permanente. Todos os nossos rios são de caudal periódico.

Onde buscam alternativas?

A nossa água é rigorosamente extraída do subsolo. Ainda assim produzimos para o consumo interno e exportamos para as outras províncias, nomeadamente Huíla, Benguela e Luanda. Temos também conhecimento que os nossos produtos têm sido comercializados no Norte, mais concretamente no Uíge e Zaire.

Quer dizer que o nosso deserto é rico, não é pobre. Não podemos ver o deserto como uma desgraça. Mas sim uma oportunidade e potencialidade que temos de gerir com sabedoria, de forma mais inteligente possível. No deserto, podemos ir buscar tudo de que precisamos para a nossa subsistência.

Que outras actividades sustentam a economia do Namibe?

O sector das pescas. No Tombwa, renasce das cinzas, tem vida, com novas unidades de capturas, congelação e de farinha e óleo de peixe. O Tombwa está a atrair, actualmente, pessoas de outras províncias que vêm à procura de emprego no Namibe e usufruir das condições que a província vai oferecendo. São situações que surgem pelo benefício de crescimento e de melhoria das condições de vida que estamos a dar. E isso aumenta na população estudantil. Temos de cons-



truir mais escolas, dar melhores condições de Saúde, porque a população aumentou e temos de dar mais água.

Quantos empregos directos foram criados com a recuperação das fábricas?

O nosso grande problema era mesmo o desemprego, fundamentalmente na zona sul. Temos três zonas: a Norte, na Lucira, a do Centro, no Namibe, e à zona Sul que é o Tómbwa. Qualquer uma dessas áreas são muito produtivas no domínio das capturas e transformação do pescado. Algumas fábricas estão ainda em fase de reabilitação, mas há outras que já estão a produzir em larga escala, estando a abastecer algumas províncias, e a diversificar a dieta alimentar.

Que números justificam estes avanços?

Há um ano, no Tombwa, não havia nenhuma unidade a funcionar. Neste momento, já estamos acima de quatro mil empregos directos. Quer dizer que são mais de quatro mil famílias que estavam desempregadas e que não tinham como ter o seu sustento, mas hoje já têm.

Além dos que estão a trabalhar directamente nessas ‘n’ [várias] unidades, há aqueles que também completam o seguimento da comercialização ou em mais diversos domínios. São aqueles que compram e os que levam mais além. Quer dizer que isso funciona como uma ‘bola de neve’ e esse número de trabalhadores vai aumentando à medida que o nosso peixe vai chegando às outras províncias.

O Namibe saiu da lista da emergência da seca e da fome. Hoje, produzimos excedentes para exportar para outras províncias. Agora com os novos pólos de desenvolvimento agrícola, a ideia de que a população autóctone apenas se dedica à pastorícia está a ser contrariada.

Faz muita referência à exportação de peixe a outras províncias. Tem registo do número de famílias que consomem peixe do Namibe?

Se formos a contabilizar, apesar de não termos a estatística presente, o número de pessoas que dependem neste momento do peixe produzido no Namibe é capaz de chegar aos milhões. Sem exagero.

Acredito que, à mesa de casa cidadão, deve chegar pelo menos um carapau, uma sardinha, ou uma corvina pescada no Namibe. E à sua mesa também, não é? (risos).

Que zona da província é mais abundante em peixe?

O Tómbwa representou, por altura da independência, 66% do esforço de pesca de todo o país, concor-

rendo com Cabinda, Zaire, Bengo, Kwanza -Sul, Benguela (...). No cômputo geral, só o Namibe representava 66% do esforço de pesca. É para dizer que o Tómbwa é um potencial, é um ‘monstro’ que está semi-adormecido. Vamos contar com as pescas como a base económica do desenvolvimento do Namibe.

Que outros proveitos a província tira do mar?

O Namibe é um dos maiores produtores do sal do país. Temos aproximadamente quatro salinas, uma das quais é a que mais produz ao nível do país (não vou aqui fazer publicidade da empresa), além de outras que paulatinamente vão aumentando os seus níveis de produção.

Esperamos que, brevemente, se venha a criar uma fábrica de higienização, refinação, iodização e empacotamento do sal. Desde sal de cozinha ao sal de mesa. Tudo feito localmente com investimento privado.

Esses projectos de pesca têm ‘mãos’ privadas. Onde é que o Estado actua?

O Ministério das Pescas tem programas devidamente direccionados, não só para o aumento da produção, mas também para a recuperação e ampliação das salinas. O que pressupõe também o aumento da produção de sal. Neste momento, está em execução a recuperação de todas as salinas que estavam abandonadas e desactivadas, por várias razões, e que agora estão a ressurgir, assim como no Tómbwa aquelas pesca-

rias todas que estavam abandonadas estão a ser requalificadas e modernizadas.

Aqueles equipamentos obsoletos estão a ser removidos, a ir para siderurgias em Luanda, para fundições e, em substituição, são colocados novos equipamentos para a produção de conservas de peixe.

De agricultura nada se pode dizer...

Em 2014, quando foi aprovado na terceira sessão da reunião da Comissão Económica do Conselho de Ministros, no Namibe, o programa directo de apoio às famílias camponesas, com um total inicial avaliado em mil milhões de kwanzas, arregaçámos as mangas e lançámos mãos à obra.

O que fizeram de concreto se a província não tem condições para a prática da agricultura devido à seca?

Nunca lamentámos da seca, porque o Namibe é uma província desértica e o deserto é sinónimo de seca. O deserto existe por ausência de água. E é a única província no país que tem deserto. Estamos habituados a conviver com o deserto.

E que destino deram ao financiamento do Estado?

Estruturámos o programa, definimos prioridades, fizemos as aquisições em função das prioridades que definimos e lançámos os pólos de desenvolvimento agrícola que, numa primeira fase, deram origem a três polos em cada município. Temos cinco municípios, contando com a sede, e estamos neste momento com 15 polos agrícolas.

Do universo de aproximadamente quatro mil famílias que estavam engajadas nesses polos agrícolas, temos actualmente uma demanda que nos obriga a alargarmos já os polos, de modo a poder abranger mais pessoas. Não é que a população tenha crescido exponencialmente. É mais pelas condições que foram criadas na província, para as pessoas produzirem para si, e atraiu as populações de províncias vizinhas, nomeadamente Huíla, Cunene e Benguela. E instalaram-se na periferia dos polos, agregando-se aos que fomos criando. Numa região onde havia, por exemplo, 400 famílias, hoje já há entre mil e 2.000 famílias a trabalharem nos pólos. Então isso também nos cria algumas dificuldades pelas condições óptimas que o Namibe possui e oferece aos seus cidadãos. E isso não acontece só na agricultura.

Entrevista

Já há estatísticas dos resultados dos polos agrícolas?

Melhor do que falar é ir visitar os polos e ver como é que essa população vive feliz. Acabámos com a desnutrição. O Namibe saiu da lista da emergência da seca e da fome. Hoje, produzimos excedentes para exportar para outras províncias. Agora com os novos pólos de desenvolvimento agrícola, a ideia de que a população autóctone apenas se dedica à pastoreira está a ser contrariada.

Além do peixe, que produtos locais são vendidos noutras regiões?

A batata, a cebola, tomate e todas as hortícolas. Também temos estado a investir na produção da vinha e do olival, para, num futuro muito em breve, produzirmos vinho aqui da província e seus derivados e a produção do azeite de oliveira.

Temos campos vastos construídos de raiz que já estão a produzir. Muito brevemente, tão logo as condições estejam criadas, vamos ter também uma indústria de produção de oliveira. O sector privado vai assumir a produção. No domínio público estarão os projectos da área social. Isso acontece [também] na Saúde e Educação.

Que projectos são já assinaláveis nas águas?

Neste momento, temos um programa centralizado e que tem à frente o Ministério da Energia e Águas, através da Direcção Nacional das Águas, que é o projecto de ampliação da rede de captação, transporte, armazenamento e distribuição de água potável, ao qual se associa a componente do saneamento básico e das estações de tratamento de resíduos sólidos urbanos.

Quando é que esses desideratos saem do papel?

Já estão em execução. A esta altura, a nossa cidade está meio 'destruída', mas é um mal que vem para o bem. Temos de fazer abertura para a passagem dos esgotos, a tubagem de água, etc. E vamos viver ainda durante algum tempo com as ruas assim meio descharacterizadas, mas dentro de muito pouco tempo vamos colher os benefícios desse sacrifício a que nos estamos a submeter agora.

Qual é a participação do privado na economia do Namibe?

O que é responsabilidade do Governo nós [a administração] não abdicamos: Saúde, Educação, Água, Ener-



gia. Até na habitação social. Neste domínio, temos já construídas quatro mil residências, nas duas centralidades do Namibe, com duas mil residências cada uma. Já estão concluídas em termos físicos, faltam os complementos que temos estado a trabalhar, que tem que ver com a água, energia, saneamento básico e tratamento dos resíduos sólidos urbanos.

Quando e que a Centralidade do Namibe recebe inquilinos?

Acreditamos que ainda este ano iremos abrir inscrições para os da província se candidatarem à aquisição dessas quatro mil residências. O Namibe também liderou todo o processo de construção das casas da juventude, ou seja, dos bairros sociais da juventude. A província executou a 100% o número de casas que estavam previstas no bairro social da juventude, com um total de 200 vivendas.

Neste momento, temos um bairro, com orgulho e sem medo de errar, que é um bairro na verdadeira essência da palavra. É um bairro social com 200 vivendas, devidamente organizadas, estruturadas e respectivos arruamentos.

Já temos água em todas as residências e energia eléctrica. Agora vamos

PERFIL

Alcides Gomes Cabral nasceu há 63 anos, em Cabinda. Mas foi no Namibe onde se evidenciou na vida pública. Trabalhador do Estado desde os 23 anos, Alcides Cabral começou a trabalhar no Ministério da Agricultura, na direcção da antiga DINAMA, em Cabinda. É formado em gestão de empresas, pelo Instituto Superior de Economia de Cuba. Foi Comissário Municipal Adjunto do Namibe. Em 1989, chegou a director do gabinete do então governador provincial, Fernando Faustino Muteka, depois de exercer várias funções públicas entre a Cooperativa Agropecuária do Namibe e a Direcção Provincial da Indústria, Comércio e Turismo, organismos concentrados numa única direcção.

Duas décadas depois, é convidado novamente a integrar o Governo. Desta vez, no consulado do actual governador, Rui Falcão, para assumir a pasta de vice-governador para a esfera económica.

3

milhões número aproximado da totalidade de gado bovino e ovino no Namibe.

4

mil corresponde ao número de empregos directos criados no Namibe, com a recuperação das fábricas de pescado.

66%

corresponde à participação do Namibe na actividade pesqueira do país, concorrendo com Cabinda, Zaire, Bengo, Kwanza-Sul e Benguela.

trabalhar na asfaltagem das ruas e na preparação dos passeios, lancis, etc.

Em que município está situado o bairro da juventude e quando recebe famílias?

Está no município do Namibe (sede da província), no bairro Sacomar, a norte da cidade. É um projecto do Governo virado a toda a juventude do Namibe. Já está toda habitado, servindo o papel para qual foi criada.

“O Namibe não tem número exagerado de alunos”

Que outros indicadores fundamentam o lema ‘Terra da Felicidade’? No domínio da Educação, temos três núcleos universitários: o Instituto Superior Pedagógico, o Instituto Superior Politécnico e o Instituto Superior Gregório Semedo, que é privado, sem contar com a Academia de Pescas e Ciências do Mar, que, brevemente, será inaugurada. Ao longo deste ano, vamos inaugurar a Academia de Pescas, que é uma das academias maiores de África e do mundo. E vai servir não só a população estudantil do país e da África e quiçá de outros continentes.

Na Saúde, somos privilegiados porque, felizmente, começa pelo estado de higiene e salubridade da nossa cidade. Podemos orgulhar-nos de viver num ambiente limpo, sadio, onde todos nos esforçamos diariamente para manter a cidade limpa. Além disso, temos centros hospitalares em todos os bairros, não só na sede, mas também noutros municípios. Temos centros médicos no Virei, no Tómbwa, Camuciuo, Bibala e naquelas comunas mais densamente povoadas.

Quando é que as infra-estruturas foram erguidas?

Estamos sempre a construir. Começámos a construir desde a independência, para cobrir o défice das infra-estruturas que não tínhamos, desde então nunca parámos. Até hoje continuamos a construir porque a população não pára de crescer. Com o aumento da população, vimos a necessidade de construir mais escolas do segundo ciclo, ensino médio e do ensino técnico profissional. Não temos aquele número exagerado de alunos nas escolas.

Então o Namibe não tem ninguém fora do sistema de ensino...

Não vou dizer que não temos crianças fora do sistema de ensino. Poderá haver crianças que, sazonalmente, fiquem sem estudar. Essas crianças, por uma razão ou outra, não estão inseridas, porque temos uma população que ainda é um pouco itinerante, nómada, que faz a transumância do gado. Não é por falta de estabelecimento escolar em si, é devido à transumância, à movimentação que os pais vão fazendo com o gado e arrastam consigo as famílias.

E isso faz com que, muitas vezes, os filhos sejam deslocalizados do seu ‘habitat’ normal, onde têm escola, posto médico e centro de saúde. Então ele pode ficar fora do sistema de ensino devido à transumância dos encarregados de educação, devido à procura de melhores condições de pastagens do gado, considerando também que a nossa população autóctone é sobejamente conhecida como uma população pastoril.

E como são acolhidas quando voltam à terra de origem?

Depois de regressarem ao seu ‘habitat’ normal, essas famílias encontram as condições da prática da agricultura. Agora com os novos polos de desenvolvimento agrícola, está a ser uma realidade.

**VIVA AS NOVIDADES
DO SEU CANAL!**

zäp vivo

CANAL 4

**VIVÀ
TARDE**

Os temas mais actuais
e importantes, todos os
dias em directo.

SEGUNDA A SEXTA **17:00**



Os apanhados e os vídeos
mais engraçados para
fazer rir!

SEGUNDA A SEXTA **19:00**



Os artistas com mais swagg,
os novos talentos e as músicas
do momento.

SÁBADO **13:45**



As notícias mais quentes
do universo dos famosos,
todos os dias.

SEGUNDA A SEXTA **19:30**

**ZAP
NEWS**



LIGUE
935 555 500

apoio.cliente@zap.co.ao

Todos os dias, incluindo feriados,
das 7:00 às 24:00

Visite-nos em www.zap.co.ao e siga-nos



Economia/Política

ESPECIALISTAS ANTECIPAM AS CONDIÇÕES DA “ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Exigências do FMI podem ‘emagrecer’ estrutura do Governo

PREVISÕES. Vários órgãos da função pública podem ver reduzidos os seus orçamentos e alguns ministérios podem fundirem-se como consequência da intervenção do Fundo Monetário Internacional à economia angolana, segundo projecções de economistas em antecipação às conclusões das reuniões iniciadas na semana passada entre o Governo e o FMI.

Por Nelson Rodrigues

blicas podem integrar o cabaz de ‘disciplinas’ económicas e fiscais do organismo ao país, de acordo com várias análises de economistas ouvidos pelo VALOR.

Das contrapartidas do FMI, poderão ainda engrossar um “agravamento da base tributária nacional, com a entrada de novos impostos, e a descontinuidade ou alienação de empresas públicas que, ao Tesouro, só criam despesas e não geram receitas”, concordam os analistas, em antecipação às conclusões da reunião de Washington.

Em causa está o peso das despesas correntes – salários com pessoal civil e militar, subsídios e manutenção da administração

Angola arrisca-se a encolher a estrutura da administração pública como contrapartida do pedido de assistência técnica que o Governo remeteu ao Fundo Monetário Internacional (FMI). A Fusão entre ministérios e a redução da fatia orçamental para empresas pú-



pública – no Orçamento Geral do Estado (OGE), que, na programação financeira de 2016, por exemplo, absorvem mais de 50% do bolo orçamental.

Um dos inquiridos foi o economista Lopes Paulo que não tem dúvidas de que os gastos com a

função pública vão a ter atenção do FMI. Para ele, o país deverá sujeitar-se a um controlo rigoroso na aplicação das receitas do Estado, ao solicitar ajuda à instituição de ‘Bretton Woods’.

“Não haja de dúvidas que a redução dos gastos com a função

pública será um dos pontos do debate. Sabe-se, por exemplo, que temos um milhão de trabalhadores e estamos pagar um milhão de trabalhadores. O problema é ter 700 mil trabalhadores e estar a pagar a um milhão. Há um diferencial que representa um dis-

PRODUÇÃO DE PETRÓLEO EM MARÇO

Angola ultrapassa Nigéria

Angola voltou a ultrapassar a Nigéria como o principal produtor de petróleo em África. O último relatório mensal da Organização dos Países Produtores de Petróleo (OPEP) indica que, no último

mês de Março, a produção do ‘ouro negro’ em Angola foi de 1.770 mil barris por dia, um aumento de 18 mil barris em relação a Fevereiro, segundo fontes secundárias. No mesmo período,

a produção petrolífera nigeriana se situou nos 1.722 mil barris, registando uma quebra de 39,4 mil barris por dia, face ao segundo mês do ano.

O relatório da OPEP sobre o

mercado petrolífero explica, no entanto, que, de acordo com a comunicação directa do países produtores, Angola declarou uma produção de 1.782 mil barris de petróleo por dia, em Março, subindo 15 mil barris, face ao mês anterior, ao passo que a Nigéria comunicou ter produzido 1.677 mil barris, contabilizando uma quebra real de 67,5 mil barris por dia.

Em qualquer um dos casos, nota-se que Angola voltou a superar o seu mais directo concorrente, em termos de produção

petrolífera no continente, cinco meses depois de ter alcançado o mesmo registo. Em Novembro de 2015, Angola declarou uma produção diária de 1.722 mil barris de petróleo, traduzindo um aumento de 115 mil barris em relação a Outubro, quando, no mesmo período, a produção nigeriana se ficava nos 1.607 mil barris, um recuo de 260 mil barris por dia.

Em relação ao conjunto da produção dos países que compõem o cartel, a OPEP declarou uma média de 32,25 milhões de



AS OPORTUNIDADES DE NEGÓCIO em Angola, criadas pela nova Lei do Investimento Privado, foram apresentadas a investidores argentinos, na última semana, num simpósio em que esteve presente o presidente da APIEX, António Henriques da Silva.



A AGT informou que os contribuintes do grupo A devem entregar, até ao dia 31 de Maio, a declaração do Imposto Industrial, enquanto os grandes contribuintes devem entregar o dossier de preços de transferência até fins de Junho.

pêndio financeiro anormal e ilícito”, aponta Lopes Paulo.

À fiscalização das receitas e despesas orçamentais, o economista soma o processo de recadastramento dos funcionários públicos. No prognóstico de Lopes Paulo, o FMI vai exigir a continuidade do processo de ‘caça’ aos funcionários ‘fantasmas’ na função pública, processo que já poupou, até ao primeiro trimestre deste ano, mais de três mil milhões de kwanzas ao Tesouro.

O recadastramento “será, seguramente, uma exigência muito forte, sobretudo naqueles sectores nevrálgicos, designadamente o Exército, Polícia, Educação e Saúde. São sectores de maior emprego, haverá aqui um maior esforço”, antevê o analista.

CORTE NO APARELHO DO ESTADO

Mas não basta. Lopes Paulo vê também no número de órgãos públicos, nomeadamente os ministérios e suas secretarias de Estado, outra ‘rota de fuga’ do dinheiro público. Ou seja, os ministérios com actividades similares ou concorrentes deviam fundir-se, assim como a redução das secretarias de Estado, entende o economista.

“Uma das formas de redução da despesa pública é a contracção do aparelho do Estado, que é demasiado pesado. Um secretário de Estado mostra resultados. No nosso caso [Angola], o secretário de Estado, em alguns ministérios, é um indivíduo apenas que resolve uma situação pontual. Não tem responsabilidades”, critica Lopes Paulo, no que é seguido

3

Mil milhões de kwanzas, valor poupado pelo Estado, através da eliminação de ‘funcionários fantasmas’

50%

Peso das despesas correntes, com salários, subsídios e manutenção da administração pública no OGE de 2016.

por José Severino, presidente da Associação Industrial de Angola (AIA). Para José Severino, a privatização de empresas públicas com actividade residual vai ajudar a poupar recursos do Estado. O ‘patrão’ dos industriais aponta, por exemplo, o recurso a correspondentes privados como mecanismo para se evitar despesas na abertura de várias agências, como é o caso da Administração Geral Tributária (AGT).

“Temos de privatizar. A AGT não tem de estar a criar agências por todo o lado. Mesmo os bancos, na boa-fé de criar agências, que retorno do rácio custo-benefício deste investimento podem ter? Podiam ter correspondentes bancários, como foi na economia colonial.”, sugere o líder associativo.

PRIVATIZAR E MANTER EMPREGOS

O economista Rui Malaquias, por seu lado, pensa que “o país tem uma administração pública muito grande e que precisa de ser otimizada”. Mas deixa um aviso: “O Fundo pode dizer que o país tem uma administração pública muito grande, que consome muito em salários. Mas a solução não é pôr pessoas na rua, mas sim cortar ‘gorduras’, nomeadamente despesas com viagens e carros e todos aqueles gastos que não são fundamentais ao funcionamento da função pública”, considera.

Severino insiste na ideia da privatização como forma de o Estado diminuir presença na economia. “A AGT e outros ministérios que utilizem o sector privado para promoverem o seu desenvolvimento”, alerta.

Ter à volta de 35 ministérios constitui, para Severino, despesas a mais. “Podemos a estar à procura de eficiência, mas, quanto mais órgãos do Estado, mais burocracia. Concorro com a fusão entre ministérios. Só não concordava se as alfaces combinassem com os peixes”, satirizou. O Governo está a negociar, desde a semana passada, os termos da “assistência técnica” solicitada ao FMI. O objectivo da ‘petição’ é buscar alternativas de financiamento à balança de pagamento externa (que inclui bens e serviços). Acelerar a diversificação da economia é outra meta a atingir, segundo o ministro das Finanças, Armando Manuel.

barris por dia, o que significou um aumento de 15 mil barris por dia, forçado pelas entregas significativas do Irão, Iraque e Angola, contra as reduções também substanciais da Nigéria, da Líbia e dos Emirados Árabes Unidos.

A oferta do cartel ficou particularmente reforçada no princípio do ano, após a retirada de parte das sanções que pesavam sobre o Irão, por conta das divergências com a comunidade internacional, em relação ao programa nuclear daquele país de maioria muçulmana.



PUB

Seu Destino, nosso Objectivo!

Carreiras Interprovinciais

A Macon Transportes está presente por toda Angola, excepto Cabinda, com carreiras interprovinciais distribuídas estrategicamente que unem o país em todas as direcções e sentidos há mais de 12 anos. Oferecemos estrutura própria de atendimento e a frota mais nova do país, disponível nas principais rotas, monitorada via satélite que significa maior segurança e pontualidade durante as viagens.

Central de Atendimento Autocarros: **936 78 91 73 / 226 21 35 04**

Aluguer & Fretamento

Realizamos os serviços de aluguer e fretamento, para atender viagens de passeios, negócios e encontros diversos, além de soluções customizadas e adequadas para o transporte de funcionários de empresas entre suas casas e locais de trabalho.

Sistema Integrado de Bilhete Eletrónico

Cargas & Encomendas

A Macon Cargas oferece várias opções em transporte rodoviário de encomendas, uma para cada necessidade de seu negócio. A frota é Ágil e Flexível para pequenos, médios e grandes volumes, através de transporte exclusivo, fracionado e urgente.

Central de Atendimento Cargas & Encomendas: **929 22 56 43 / 923 35 85 21 / 918 62 99 70 / 226 21 41 30**

Conheça nosso Mapa de Atendimento e Prazos de Entrega.

www.macontransp.com

Economia/Política

MILHO É O MAIS PRODUZIDO

Angola quer duplicar produção de cereais até 2017

PRODUÇÃO NACIONAL. O país produz dois dos cereais mais consumidos no mundo, o arroz e o milho, mas em quantidades “deficitárias”, face à procura interna. O Governo projecta, por isso, dobrar a produção até ao próximo ano.

Por Isabel Dinis

O Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural estabeleceu a meta de produção de mais de 4 milhões e 500 mil toneladas de cereais até 2017. Sendo que a mesma instituição no ano passado registou a produção de 2.016.566 toneladas de cereais produzidos em Angola, a nova meta é mais de o dobro.

Dos vários cereais que consome, o país produz somente milho, arroz, massango e massambala. O milho é no momento o cereal mais produzido. Em 2015, a produção atingiu mais de 1.800 toneladas, seguindo-se a massambala com mais de 49 mil toneladas e o massango com cerca de 44 mil toneladas.

O arroz, produto indispensável na cesta básica, ainda é produzido em quantidades que estão longe de dar resposta ao consumo de uma população de mais de 25 milhões de habitantes. Em 2015, a produção foi somente de 45.322 toneladas sendo que a importação foi de 85,2 mil tone-

ladas, segundo dados do terceiro trimestre de 2015 do Conselho Nacional de Carregadores.

O director Nacional do Instituto de Cereais (Incer), Benjamim Castelo reconheceu recentemente, que a produção de cereais em Angola é “deficitária”, e que o país necessita de mais de quatro milhões de toneladas para satisfazer o consumo interno humano e animal. O responsável declarou, que o trigo “deixou de ser produzido”, e para a produção de pão, Angola necessita de 600 mil toneladas de trigo, que são importadas.

Dados do Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural dão conta de que o milho é produzido

nas 18 províncias, com maior predominância no Huambo, Kwanza-Sul, Benguela, Bié, Huíla e Malanje. A massambala é produzida em nove províncias, com maior ocorrência no Kuando-Kubango, Huíla e Benguela. O massango é produzido em oito províncias, com maior incidência no Cunene, Huíla e Kuando-Kubango. O arroz é produzido em sete províncias, com maior incidência no Bié, Moxico, Kuando-Kubango e Uíge.

Além da produção “deficitária”, Angola debate-se também com a falta de sistemas de conservação e processamento de cereais, que originou perdas de produção em 2014, na ordem dos 35%.

Dos vários tipos de cereais existentes na natureza, Angola produz somente o milho, massambala, massango e arroz. O mais produzido é o milho.

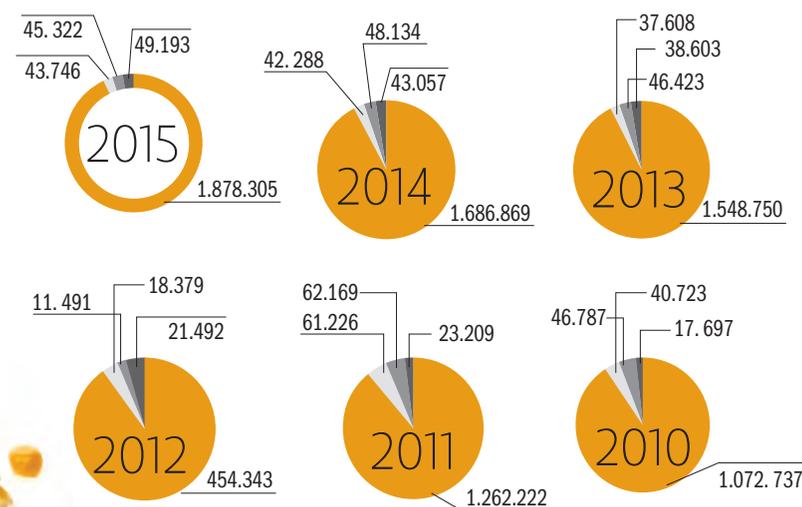


PRODUÇÃO DE CEREAIS EM ANGOLA

2015 / 2.016.566 toneladas

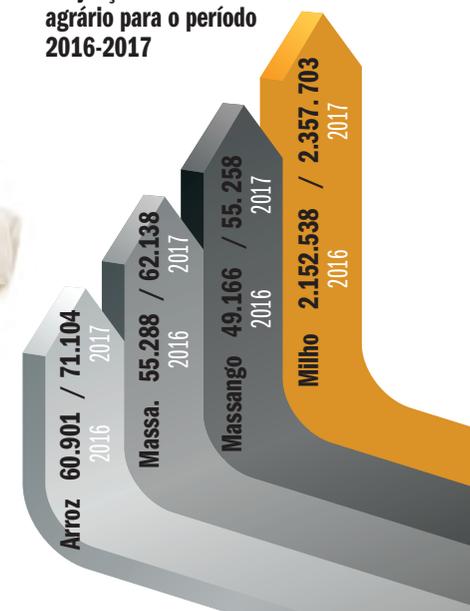
Meta até 2017 / Mais de 4 milhões de toneladas

● Milho ● Massango ● Massambala ● Arroz

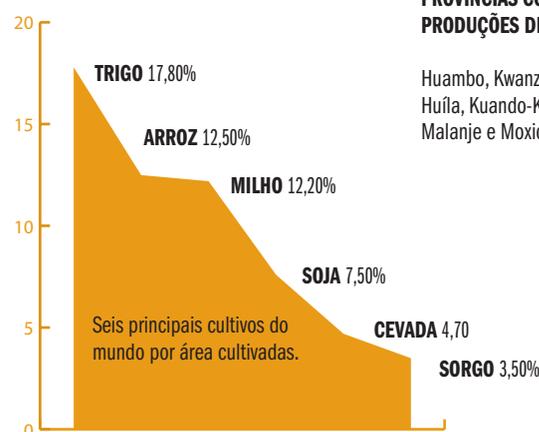


Projeções do sector agrário para o período 2016-2017

O arroz, produto indispensável na cesta básica, ainda é produzido em quantidades que estão longe de dar resposta ao consumo de uma população de mais de 25 milhões de habitantes.



Dos três cereais mais consumidos do mundo, Angola produz o arroz e o milho sendo que o país tem de importar 19,7 mil toneladas deste último. Registos arqueológicos revelam que os cereais são consumidos há mais de 11 mil anos, com pesquisas a partir de descobertas recentes em Moçambique a apontar para o consumo humano há cerca de 23 mil anos. O nome ‘cereal’ deriva de Ceres, a deusa romana do grão.



PROVÍNCIAS COM MAIORES PRODUÇÕES DE CEREAIS

Huambo, Kwanza-Sul, Benguela, Bié, Huíla, Kuando-Kubango, Cunene, Malanje e Moxico.





O PLANO DIRETOR-GERAL DE LUANDA que perspectiva um horizonte de 15 anos para transformar a capital angolana foi premiado em Londres, como o “Melhor Projecto de Planeamento Internacional pela British Expertise”.



A AGÊNCIA INTERNACIONAL DE ENERGIA prevê que o preço do barril do petróleo vá estar mais caro até ao final do ano, por conta de uma previsível redução diária dos 1,5 milhões de barris em excesso no mercado, para pouco mais de 200 mil barris.



As cantinas que preferem ficar no centro vão ter de aumentar o espaço.

PROJECTO APROVADO HÁ DOIS ANOS, MAS SEM VERBAS PARA AVANÇAR

Galerias comerciais substituem cantinas na cidade

REESTRUTURAÇÃO. Pela segunda vez, o Governo adiou o encerramento das cantinas situadas nas zonas urbanas de Luanda, para dar lugar às galerias comerciais. Crise financeira justifica o impasse.

Por António Miguel

O projecto do Ministério do Comércio, que visa encerrar as cantinas do casco urbano e transferi-las para as zonas rurais e periféricas de Luanda, já não vai arrancar este ano, conforme tinha sido anunciado pela ex-ministra Rosa Pacavira. Está é a segunda vez que a implementação desse objectivo é adiado. Inicialmente, estava previsto para 2015.

O inspector-geral do comércio, Heleno Antunes, avançou ao VE que não há ainda horizonte, em termos de tempo, para pôr em marcha o plano, justificando que, na origem do impasse, está a escassez de recursos financeiros que Angola enfrenta. “Gostaríamos

de avançar já com isso, só que temos de fazer contenções. Mas é um projecto para ser mesmo implementado”, assegurou

A decisão enquadra-se no programa do Governo de reformulação e formalização do pequeno negócio. O comerciante que não quiser abandonar a cidade será obrigado a aumentar o espaço físico do seu estabelecimento, pelo menos, até cem metros quadrados para passar à categoria de loja de proximidade. Sem precisar o custo, o inspector-geral do Comércio explicou que, para substituir as cantinas nos centros urbanos, o Estado vai construir galerias comerciais.

“Isto é para dar dignidade ao pequeno negócio à semelhança ao que existe noutros países”, argumentou Heleno Antunes, acrescentando que os comerciantes interessados deverão adquirir lojas no espaço das galerias para desenvolver pequenos negócios. Aí, o comércio, será sectorizado. Haverá áreas de venda de hortícolas, frutaria,

perfumaria, farmácia e espaços de lazer. Os proprietários das cantinas serão apenas notificados por altura do arranque do projecto.

De acordo com a Lei da Actividade Comercial, os cidadãos estrangeiros não podem desenvolver pequeno comércio, ou seja, estão vetados de abrir lojinhas. Mas, em Luanda, onde se encontra o maior número de cantinas, o negócio é maioritariamente dominado por estrangeiros, oriundos principalmente de países africanos.

Isto acontece, explica o inspector Heleno Antunes, porque angolanos detentores de alvarás comerciais trespassam o documento para expatriados. Para mudar o quadro, actualmente, o Ministério do Comércio emite alvarás apenas para angolanos que tenham estabelecimentos e que provem que serão os próprios a utilizar o documento comercial. O novo alvará permite que o estrangeiro seja gerente, mas, se quiser ser comerciante, deve investir em grandes superfícies

comerciais. As novas regras proíbem ainda qualquer actividade mercantil a estrangeiros que estejam em Angola, na condição de refugiados.

TRANSFERÊNCIA EM CURSO

Os operadores do comércio grossista também estão abrangidos pelo processo de retirada da cidade, no âmbito da reformulação do comércio no casco urbano. Contrariamente às cantinas, o Ministério do Comércio já tem data e espaço para concretizar a medida. Numa primeira fase, os grossistas têm até ao final de Agosto para “abandonar a cidade”. Os armazéns e câmaras frigoríficas situadas no Sambizanga, São Paulo e Ngola Kiluanje são os primeiros a fechar para abandonar a cidade.

Esta medida que começa no distrito do Sambizanga não é nova, uma vez que já tinha sido anunciada em 2013. Os operadores grossistas devem transferir os seus armazéns e câmaras frigoríficas para o Centro de Logística e Distribuição (CLOD) de Viana.

Taxa do lixo na factura da energia



Os municípios de Luanda passam, em breve, a pagar uma taxa de lixo que vai estar acoplada ao pagamento do consumo da energia eléctrica. A taxa é estratificada. Os municípios do Icolo e Bengo e Quiçama passam a pagar uma taxa de 500 kwanzas mensalmente, enquanto os de Cacuaco, Viana e Belas passam a pagar 1.500 kwanzas. Os da cidade de Luanda e seus distritos (Talatona, Nova Vida e Benfica) vão pagar dez mil kwanzas mensais.

A diferenciação pelo critério geográfico é justificada, sobretudo, pelo nível médio dos habitantes das diferentes zonas e espera-se que, com as contribuições, o crónico problema do lixo na capital fique solucionado.

A estratificação nas taxas vai incidir também as empresas. As pequenas vão pagar entre 15 e 20 mil kwanzas. As médias 35 e as grandes empresas vão passar a pagar 150 mil kwanzas mensais.

De acordo com o governador de Luanda, Higinio Carneiro, as empresas Odebrecht, Queiroz e Galvão, Nova Ambiental, Mota Engil, através da Visa West, e a Elisal, vão tratar da recolha do lixo nos diferentes municípios. Ou seja, a Queiroz e Galvão vai operar no município de Luanda, a Visa West no município de Belas, a Odebrecht em Cacuaco, a Nova Ambiental em Viana e a Elisal vai operar no município do Cazenga.

Mercado & Finanças

PAÍS ESTÁ A PERDER VÁRIOS INVESTIMENTOS

Investidores estrangeiros contestam regime cambial

CRISE. Burocracia e Regime Cambial de 2012 estão a prejudicar negócios do único sector que traz divisas, o petrolífero.

Por Cândido Mendes

Vários fundos de investimento estrangeiro, com um potencial de milhares de milhões de investimentos que seriam alocados a Angola desistiram das suas pretensões depois de “semanas e semanas” a tentarem conseguir visto sem sucesso.

A revelação é de Alex Thomson-Payan, fundador do Thomas Group International (TGI), uma holding com carteira de investimentos em sectores de petróleo, mineração, serviços financeiros, telecomunicações e outros. A TGI ajuda também empresas estrangeiras a estabelecerem-se em Angola.

“Nós estávamos para receber fundos de investimentos de biliões e biliões de dólares para África, e os investidores estavam interessados em Angola”, revela Thomson-Payan. Mas os proponentes desistiram “por não terem conseguido vistos”. A experiência de vida por vários países e locais como os Estados Unidos, Dubai e outros ensinaram-lhe que, quando se pretende atrair investimentos não deve haver razões que criem dificuldades.

“Neste momento, devíamos abrir todas as portas ao mundo, quem quer investir, venha, invista, ajude-



Alex Thomson-Payan, fundador da TGI

-nos a desenvolver o país”, insiste Thomson.

Há 10 anos no país, Thomson fixou residência em Luanda e a sua paixão por Angola é visível. Diz “nosso” quando se refere ao governo e “nós” quando se refere aos angolanos.

Fundou o seu TGI, atraído pelo “enorme potencial” de Angola. Fez bem as contas, Angola, uma nação com um Produto Interno Bruto maior que o do Mali, Namíbia, Moçambique e Gana, Chade, Guine Equatorial e Congo-Brazza-

ville, em conjunto, é um país que não podia ser ignorado.

Mas muitas coisas aconteceram desde então, uma economia que não se diversifica, o regime cambial das petrolíferas de 2012 e a queda abrupta dos preços do crude.

O novo regime cambial essencialmente proíbe as empresas petrolíferas de pagarem em dólares os salários e aos seus fornecedores locais e requer que estas vendam as divisas exclusivamente ao BNA, em vez de aos bancos comerciais. A medida contraiu o mercado de divi-

50%

Média da queda dos preços de arrendamento de imóveis nos últimos anos.

2012

Ano em que entrou em vigor o actual regime cambial.

de serviços petrolífero. Todos defendem o regresso ao “antes-2012”.

“Infelizmente surgiu a crise. Neste momento, há muito efeito negativo que essa lei está causar numa altura em que o país precisa de ter essa indústria o mais eficiente possível”, argumenta o fundador da TGI. E acrescenta: “Está a constanger-se o único sector que gera divisas”.

Para as empresas, não há nada mais constangedor do que não ter divisas para aguentar o negócio. Empresas há que estão a encerrar portas, “fartas de receber em Kwanza sempre a desvalorizar.”

“VALE A PENA MUDAR”

O regime cambial de 2012 que integrava o plano de ‘desdolarização’ da economia, lançado pelo antigo governador do BNA, José de Lima Massano, tem-se repercutido negativamente além fronteiras, no caso, nas empresas que mostram interesse em investir em Angola.

Com a crise nos petroleiros, vários investidores querem diversificar suas carteiras e buscam oportunidades em novos mercados, tais como Angola. “No entanto, nas suas pesquisas, esses potenciais investidores só recebem notícias negativas sobre o país”, alerta a TGI. “Ouvem coisas como ‘não vale a pena, vai receber em kwanzas’ ou ainda ‘não se consegue tirar o dinheiro, a moeda vai desvalorizar’ e assim as os potenciais investidores preferem esperar”, comenta. “Se conseguirmos que se troque essa legislação, acho que o nível de investimento vai ser incrível”, rematou Thomson, que acredita que, de outro modo, com os preços de arrendamento de escritórios e apartamentos caídos a 50%, seria boa altura para investir.

A TGI tem investimentos a longo prazo, entre 10 e 20 anos, e acredita que, passando a turbulência actual, “dias melhores virão para os negócios e para o país”.

MEMORIZE

- O novo regime cambial essencialmente proíbe as empresas petrolíferas de pagarem em dólares os salários e aos seus fornecedores locais.

- A TGI tem investimentos a longo prazo, entre 10 e 20 anos, e acredita que, passando a turbulência actual, “dias melhores virão para os negócios e para o país”.

sas em 43%, segundo dados do BFA.

“Foi uma boa teoria, de princípio, porque o Governo pretendia incentivar o mercado local, fazendo com que o kwanza tivesse mais valor. Queria contratar mais as empresas locais e diversificar a economia, porque na verdade é aí onde queremos ir e temos de ir”, reconhece Thomson.

Mas, com a crise, o tom da contestação à lei tem subido incessantemente, desde os bancos, a Câmara de Comércio Estados Unidos Angola (USACC) às empresas prestadoras



OS CLIENTES DA ENSA e simultaneamente do Banco Económico vão poder fazer pagamentos à seguradora por débito directo na conta do banco. A possibilidade surge de um acordo assinado, quarta-feira, entre as duas instituições.



A PETROLÍFERA ESTATAL SONANGOL declarou o poço Katambi -1, no bloco 24/11, e o poço Lontra -1, no bloco 20/15, como poços comerciais de gás, após a fase de perfuração que permitiu a descoberta de reservas de gás condensado.

COMPARAÇÃO HOMÓLOGA, FACE 2015

Venda de divisas afunda 63,2%

LEILÃO. O BNA vendeu mais dólares em Janeiro de 2015 do que nos dois primeiros meses deste ano. O volume de divisas vendido até ao final do primeiro trimestre caiu para mais da metade quando comparado com mesmo período do ano anterior:

Por Nelson Rodrigues

A quantidade de divisas que o Banco Nacional de Angola (BNA) vendeu aos bancos comerciais no primeiro trimestre deste ano fixou-se nos 1.684,9 milhões de dólares, um trambolhão de 63,2% face a igual período do ano passado, quando as contas registaram 4.584,5 milhões de dólares, de acordo com cálculos do VALOR,

com base nos dados do banco central.

De Janeiro a Fevereiro deste ano, os bancos comerciais compraram ao BNA divisas no valor de 1.235,1 milhões de dólares, menos 20,2% do montante vendido no primeiro mês de 2015. Em Março último, as vendas foram realizadas em Euros e somaram 449,8 milhões de dólares (ao câmbio de 1,13 USD para cada Euro).

A contribuir para o 'afundamento' está a já conhecida redução do preço do barril do petróleo que, desde Dezembro do ano passado, não sai da casa dos 40 dólares, com oscilações entre 35 e 45 dólares. Se a tendência de injeção de divisas se mantiver a este rit-

mo, até ao final do semestre, será necessário pouco mais do dobro das vendas totais do primeiro trimestre para cobrir a diferença em relação aos três primeiros meses de 2015.

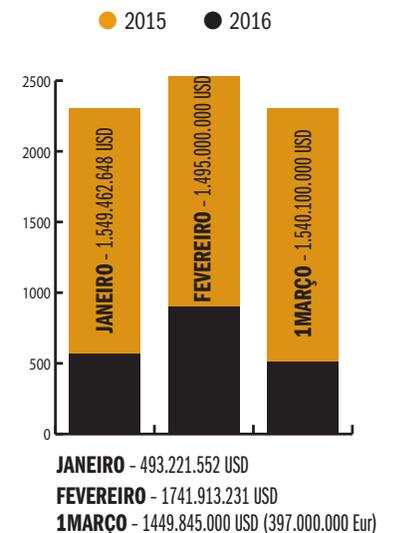
Até ao primeiro semestre do ano passado, a quantidade de divisas colocada à disposição dos bancos comerciais ficou registada em 9.461 milhões de dólares. Mas foi nos dois últimos meses do ano que a injeção de moeda estrangeira começou a apresentar sinais de baixa, com o BNA a fechar Dezembro com venda de 1.176,0 milhões de dólares.

De lá para cá, o banco central iniciou um processo de venda de divisas de forma segmentada,

elegendo áreas prioritárias. Medida que mais tarde viria a ser reforçada com a publicação de um aviso com objectivo de fiscalizar o destino que os bancos davam às divisas.

Com o documento, os bancos comerciais passaram a estar obrigados a informar sobre a finalidade das operações cambiais que são executadas com as divisas compradas no mercado primário (nos leilões do BNA).

As três últimas sessões de vendas do BNA, realizadas de 5 a 11 de Abril, totalizaram um montante de 751,7 milhões de dólares, valores destinados para a cobertura de áreas prioritárias, nomeadamente importação das empre-



sas petrolíferas, importação de bens alimentares, medicamentos e material clínico e as relacionadas com a ajuda familiar.

CONFIRMADA INTENÇÃO DO BRASIL

Acordo de conversão monetária à vista

O ministro das Relações Exteriores do Brasil, Mauro Lecker Viera, referiu a possibilidade da assinatura de um acordo de conversão monetária entre o kwanza e o real, confirmando uma informação avançada, em primeira mão, pelo VALOR, na sua terceira edição, de 4 de Abril.

O governante brasileiro esteve em Luanda, na semana passada, onde foi recebido pelo Presidente



José Eduardo dos Santos e com quem abordou vários temas sobre educação, saúde e defesa, além da área monetária em que se antecipou a celebração de um acordo bilateral de pagamentos nas moedas dos dois países.

Em 2015, Angola e Brasil assinaram um acordo de cooperação e de facilitação de investimentos e José Eduardo e Mauro Lecker trataram das próximas reuniões, no contexto deste compromisso.

Os dois países passam, no entanto, por crises económicas agravadas pela queda do preço

do petróleo no mercado internacional, e os investidores brasileiros em Angola pedem facilitação nos pagamentos, pela dificuldades que se registam nas transferências.

O empresário Cleber Corrêa que preside à Associação de Empresas Brasileiras em Angola (AEBRAN) avançou, em exclusivo ao VALOR, que a organização havia submetido ao Banco Nacional de Desenvolvimento Económico e Social do Brasil uma proposta de conversão entre o kwanza e o real que posteriormente seria apresentada ao governo de Dilma Rousseff.

Mercado & Finanças



O Millennium Angola é dos mais rigorosos na aplicação da regra.

PARA EVITAR FILAS E ESTIMULAR USO DOS 'MULTICAIXAS'

Bancos recusam levantamentos abaixo de 40 mil kwanzas

BANCA. A medida ainda não é aplicada por todos os operadores bancários, apesar de ser recomendada desde o surgimento das caixas de pagamento automático.

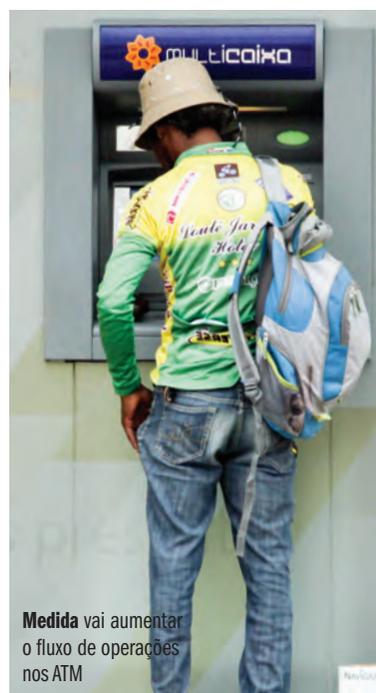
Por Nelson Rodrigues

Estão limitados, desde Agosto do ano passado, os levantamentos de valores inferiores a 40 mil kwanzas em várias balcões de alguns bancos comerciais, apurou o VALOR de fontes bancárias.

Segundo soube este jornal, a medida existe desde que o serviço 'multicaixa' está disponível nos bancos, mas só no segundo

semestre do ano passado passou a ser aplicada. De lá para cá, os clientes com contas bancárias e que pretendam levantar montantes abaixo de 40 mil kwanzas são encaminhados para as caixas de pagamento automático (ATM, na sigla em inglês).

A Associação Angolana de Bancos (ABANC) diz que a medida vem ajudar os clientes e os bancos a evitarem "desgastes nas operações bancárias", além de incentivar o uso de cartões de pagamento electrónico. "Essa actuação só poupa os clientes de vários 'castigos'. O cliente evita perder horas na fila de um banco, para apenas levantar, em muitos casos, 10 mil kwanzas. Por que perder tempo na fila, se tenho os multicaixas em tudo que é canto?", ironizou Amílcar



Medida vai aumentar o fluxo de operações nos ATM

Silva, presidente da ABANC.

O 'patrão' dos bancários angolanos aponta também a segurança e o custo com a emissão de cheques como factores que podem justificar a medida. "Imagine que todos os clientes de um banco vão ao mesmo tempo à agência, num dia, para fazer levantamentos. É muito cheque a ser emitido. E os cheques são caros", concluiu Amílcar Silva.

Uma ronda efectuada em quatro dos principais bancos comerciais, nomeadamente o BAI, o Millennium Angola, o BFA e o banco BIC, confirma essa restrição nos levantamentos de depósitos, nos dois primeiros.

O CASO DE ALGUNS BANCOS
O BAI já aplicou a medida e afi-

xou, em várias das suas agências, uma tela projectora com a informação "levantamento abaixo de 40 mil só no multicaixa". No Millennium Angola, as pessoas são obrigadas a ter um cartão electrónico para levantar somas inferiores a 40 mil kwanzas, no multicaixa. Este é, aliás, o banco em que a medida é rigorosamente observada, como constatou a reportagem do VE.

"Não consigo levantar o meu dinheiro, porque o banco diz que tenho de ir ao multicaixa. Mas, se já estou aqui [na agência], devo ir mais a um multicaixa?", queixou-se Avelino Joaquim, cliente do Millennium Angola, ouvido por este jornal, à entrada de uma dependência do banco.

Sobre este caso o economista Rui Malaquias considera que os bancos "devem continuar a divulgar os benefícios dos cartões electrónicos", no pagamento de serviços diversos. "As pessoas não têm multicaixa, porque alegam que, com os cartões, vão gastar com facilidade os seus recursos. O problema não é do banco, é das pessoas", aponta Malaquias, co-autor de um manual sobre 'Contabilidade'.

Contactada pelo VALOR, há algumas semanas, a administração do Banco Millennium Angola avançou que, dado o processo de fusão em que se encontrava, não seria possível responder a essas questões.

No BFA e no BIC o cenário é diferente. Nestes dois bancos, os clientes que solicitam levantamentos abaixo de 40 mil kwanzas podem fazê-lo através de 'cheques avulsos', uma prática comum em vários bancos.

USD 917 milhões para a economia

O banco Sol contabiliza um crédito acumulado à economia de 917 milhões de dólares, segundo o seu presidente Coutinho Nobre Miguel, em declarações recentes à Angop. O crédito foi canalizado sobretudo para projectos de investimento, com destaque para programas como 'Angola Investe', 'Microcrédito' e 'Crédito Agrícola de Campanha', segundo o chairman do banco que anunciou também o início do processo de internacionalização do Sol, a partir da SADC, nomeadamente Moçambique e Namíbia.



'Aperto de mão' no BPI

A A empresária Isabel dos Santos chegou a acordo com a administração do espanhol CaixaBank, para a saída da angolana no capital do luso BPI, tendo, como contrapartida, o controlo do Banco de Fomento Angola (BFA). Isabel dos Santos detém 18,58% do BPI, através da Santoro Finance, e o BPI, detido maioritariamente pelos espanhóis, controla 50,1% das acções do banco angolano. O acordo entre as partes permitiu que o BPI se livrasse de uma multa de 3,2 milhões de dólares diários, sentenciada pelo Banco Central Europeu, caso não houvesse o compromisso para a saída do capital angolano do banco português até ao último 10 de Abril. A imprensa portuguesa avançava, no entanto, sexta-feira, que os pormenores do acordo continuam no 'segredo dos deuses', mas as contas preliminares sugerem que, no fim de contas, além de alguma parte em dinheiro, Isabel dos Santos ficará com 60% do BFA, que ficará ainda cotado na bolsa portuguesa, e o CaixaBank ficará com 62,6% do BPI.

É GEOCIENTISTA? GEO-ENGENHEIRO? ESTÁ EM FORMAÇÃO?

REGISTE-SE EM

<http://quadros.mgm.gov.ao>

E FAÇA PARTE DA BOLSA
DE QUADROS DO PAÍS

O Plano Nacional de Geologia (PLANAGEO) é o maior investimento global jamais feito no nosso país no domínio das geociências, visando a actualização do conhecimento geológico nacional.

QUEM SE DEVE CADASTRAR?

Quadros técnico-profissionais e superiores e estudantes de:

Geologia, Hidrogeologia, Hidrologia, Geofísica, Engenharia Geográfica, Geodesia e Cartografia, Topografia, Geoquímica.

Engenharia de Minas, Laboratório, Matemática, Física, Química, Mineralogia e Petrografia, Sondagem, Geotécnica, Geocronologia e Paleontologia, Ciências Ambientais, Soldadura para a Mineração.

Computação, Gestão Mineira, Gestão Ambiental, Geologia Económica, Economia Mineira, Direito Mineiro.

PREENCHA O FORMULÁRIO DISPONÍVEL NO SITE

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**1129 QUADROS
NACIONAIS JÁ SE
CADASTRARAM**

**A COMPETÊNCIA AO SERVIÇO DO PLANAGEO
E DA DIVERSIFICAÇÃO DA ECONOMIA**



Contacto: quadros@mgm.gov.ao | +244 916 532 964

Política de privacidade O Ministério da Geologia e Minas garante que os dados que se registam durante o cadastramento serão utilizados apenas para questões estatísticas do conhecimento dos quadros.

Empresas & Negócios

EMPRESÁRIA JÁ CONDUZ MUDANÇAS NA SONANGOL

Isabel dos Santos na reestruturação da Telecom

TELEFONIA. À presença activa na reorganização da petrolífera pública, a empresária soma a sua participação num processo semelhante, em curso, na Angola Telecom.

Por Valdimiro Dias



Mário Mujetes © VE

A Angola Telecom é a segunda empresa pública estratégica cujo processo de reestruturação, em curso, está a ser levado adiante, com o envolvimento da empresária Isabel dos Santos. Segundo apurou o VALOR de fontes próximas ao processo, a equipa de consultores da empresária, que trabalha na reestruturação da empresa e que passou a ocupar o último piso do edifício-sede da Angola Telecom na baixa de Luanda, é liderada por Pedro Durão Leitão, antigo administrador da Portugal Telecom e agora funcionário da Unitel. Com o afastamento, por despacho presidencial, de toda a administração da empresa, no final de

Janeiro, Pedro Durão Leite passou a ser uma espécie de PCA sombra, embora o ministro das Telecomunicações e Tecnologias de Informação tenha nomeado uma comissão de gestão interina.

No processo de reestruturação da empresa pública estão também consultores da Deloitte, que procedem à auditoria interna, assim como a empresa UCall, que conduz entrevistas aos funcionários encontrados

na Angola Telecom, “para supostamente aferirem o grau de competências, para o recrutamento interno”.

Com base no processo de selecção, os trabalhadores “indesejados” são encaminhados para uma espécie de comissão, que decide dois possíveis destinos: “recolocação noutras áreas ou despedimento”.

É a mesma comissão que trata do processo de reformas, sendo que, em alguns casos, admitem-se refor-

117

Municípios em que a Angola Telecom deve implementar a Televisão Digital Terrestre

300

Milhões de euros, valor estimado para investimentos na Angola Telecom até 2017.

mas antecipadas para os mais antigos, ainda que não tenham atingido o tempo limite, como notam ainda as fontes do VALOR.

NA TELEFONIA MÓVEL

Em Março, ficou-se a saber que Angola Telecom passará a actuar como a terceira operadora de telefonia móvel, concorrendo directamente com a Movicel e a Unitel, segundo revelações do Presidente do Conselho de Administração do Instituto Nacional de Comunicações, Pedro Bengue. A empresa deverá desenvolver também os serviços de dados e de televisão endereçada, mudanças que resultam do processo de reestruturação. A Angola Telecom regressa assim ao segmento de telefonia móvel, já que foi a primeira empresa a intro-

duzir esses serviços, na década de 1990, os quais veio posteriormente a terceirizar para a Movicel. O despacho presidencial que determinou a reestruturação da operadora pública determina a capitalização da empresa, pela venda dos seus ativos, além da transformação da unidade Infrasat (que garante comunicações via satélite) em sociedade comercial. No entanto, não há qualquer confirmação de que a empresária, que já controla a Unitel, venha a ser uma das entidades interessadas na compra dos activos da empresa pública.

Em todo o caso, o Governo espera que a futura entidade gestora da Angola Telecom adopte medidas para estancar as perdas de quota de mercado e aumente as receitas, além de diversificar a oferta de serviços, entre outros objetivos.

Nas contas da reorganização, calcula-se que o maior desafio da Angola Telecom passe por implementar o serviço de Televisão Digital Terrestre (TDT), cuja meta é chegar a 117 municípios até junho de 2017, através de um investimento estimado superior a 300 milhões de euros (mais de 330 milhões de dólares).

A Angola Telecom é a segunda empresa pública, considerada estratégica, que passa por um processo de reestruturação, com o envolvimento da empresária Isabel dos Santos. A mesma já participa do processo de reestruturação da petrolífera estatal Sonangol, com vários consultores internacionais que ocupam dois andares do edifício sede da petrolífera em Luanda.

PR nomeia comissão de incentivos ao Kero

O Presidente da República, José Eduardo dos Santos, nomeou uma comissão de negociação de facilidades e incentivos de dois projectos de investimentos do Grupo Zahara Imobiliária e outro do Grupo Sun Ocean.

O primeiro projecto do grupo Zahara tem, como objetivo, o

desenvolvimento de espaços comerciais ligados ao retalho, com uma proposta de investimento num valor superior a 935 milhões de dólares. O segundo é a expansão de uma rede de estabelecimentos comerciais de supermercados da insígnia Kero, com uma proposta de 449,8 milhões de dólares.

O Grupo Sun Ocean surge com uma proposta ligada à produção, engarrafamento e distribuição de bebidas, com um investimento de 53,2 milhões de dólares.

Ao Presidente da República compete constituir Comissões de Negociações de Facilidades e Incentivos, para projectos

de investimento privado de um valores globais correspondentes ou superiores, em kwanzas, a 50 milhões de dólares. A comissão é presidida pelo director da Unidade Técnica para o Investimento Privado (UTIP), Ernesto Manuel Norberto Garcia. A semana passada o Grupo Zahara-Retalho

especializado e a UTIP assinaram dois acordos de investimento privado. Um ligado à comercialização de vestuário, calçado e acessórios e outro no domínio da prestação de serviços técnicos e gestão. O Grupo Zahara Imobiliário prevê, até 2017, a abertura de 17 centros comerciais.



UMA FÁBRICA DE VINAGRE situada, no Polo Industrial de Viana, em Luanda, foi inaugurada pela ministra da Indústria, Bernarda Gonçalves Martins. Trata-se da fábrica “Mendes Gonçalves”, um investimento de cinco milhões de dólares, resultante da parceria da Mendes Gonçalves e da Angoalissar.



AS RECLAMAÇÕES sobre a falta de sistema no sistema nos serviços bancários podem ficar reduzidas, em breve, de acordo com o administrador da Sistec, Carlos de Melo, que falava à imprensa, num evento que marcou a assinatura de um acordo, entre a Sistec e a IBM.

NOVAS CENTRALIDADES ‘PRONTAS’ EM DOIS MESES E MEIO

Fornecimento de luz e água vai condicionar venda de habitações

HABITAÇÃO. Luanda, Benguela, Huíla e Namibe vão contar, em conjunto, com mais 28 mil fogos habitacionais até Junho, mas a comercialização vai esperar por água e luz.

Por Valdimiro Dias

A empresa que gere a construção e venda das centralidades e urbanizações do Estado espera concluir, até ao fim do primeiro semestre de 2016, pelo menos três urbanizações e uma centralidade em Luanda, Benguela, Huíla e Namibe, mas as vendas ficam condicionadas à conclusão das infra-estruturas externas, soube o VALOR do porta-voz da Imogestin.

Segundo Mário Guerra, o fornecimento de água potável e energia eléctrica são projectos atribuídos ao

Ministério da Energia, sob coordenação do Ministério do Urbanismo e Habitação, e os dois órgãos governamentais garantiram concluí-los ao longo do segundo semestre.

Do conjunto das 28 mil novas habitações, Luanda reclama por cerca de metade (10 mil casas) e são as que se encontram em estado de execução mais avançado. Na Huíla, os oito mil apartamentos estão a ser concluídos na centralidade do Quileva, nas proximidades de Lubango. Já, em Benguela, as habitações estão repartidas entre a urbanização do Luhongo, na Catumbela, com dois fogos habitacionais, a urbanização do Lobito, com três mil casas, e a da Baía Farta, com mil, perfazendo um total de seis mil moradias. Namibe é a quarta província que vai colocar à disposição dos seus habitantes qua-

28

mil casas em quatro províncias

tro mil apartamentos nas urbanizações da praia Amélia e 5 de Abril, com dois mil fogos cada uma.

Apesar da antecipada espera nas vendas, a Imogestin admite, no entanto, avançar “brevemente” com a comercialização de pelo menos 800 casas, na centralidade da Quileva, no Lubango, “uma vez que existe uma solução provisória no fornecimento de energia eléctrica e água potável”.

Luanda enfrenta dificuldades semelhantes às das outras províncias. Na urbanização Vida Pacífica, por exemplo, estão concluídos 22

edifícios que perfazem 2464 apartamentos, enquanto, na localidade do Zango 5, há disponíveis ainda oito mil fogos, também à espera de fornecimento de água e luz eléctrica.

Os critérios de venda já estão definidos, mas Mário Guerra admite ligeiros ajustes, devido à diferença do poder aquisitivo entre as províncias. “Por exemplo, Benguela terá preços mais reduzidos que Luanda, mas terá preços mais elevados que a Huíla, porque no litoral há maior poder aquisitivo”, compara.

MORADORES PAGAM

Sobre o pagamento das prestações das habitações em Luanda, o porta-voz da Imogestin explica que a maior parte dos promitentes compradores paga as casas e os valores são remetidos para o Fundo de Desenvolvimento Habitacional que pertence ao Minis-

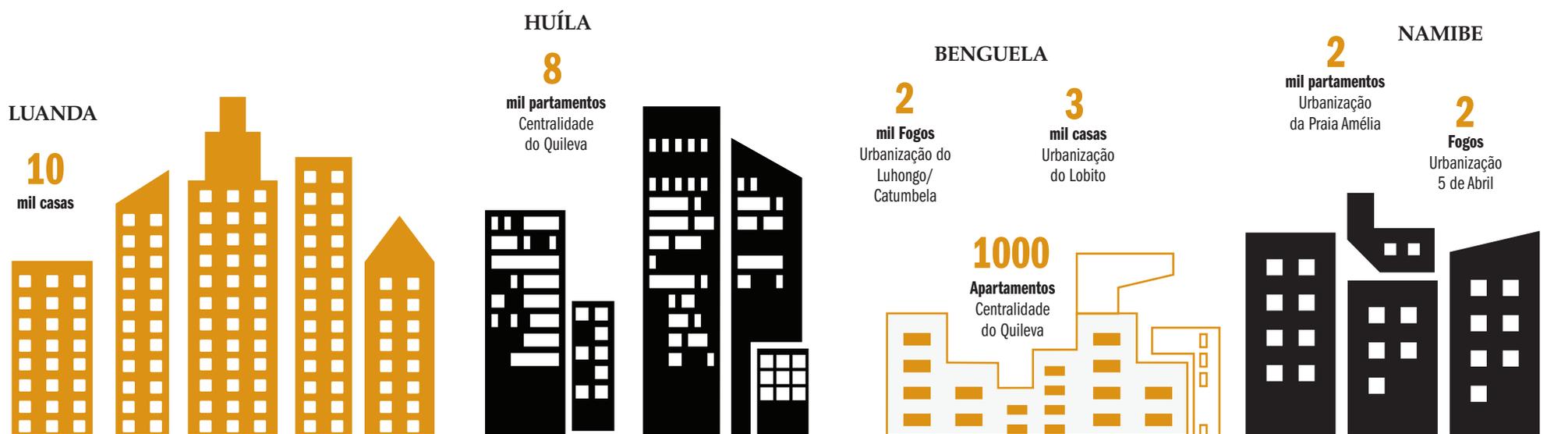
tério das Finanças. No entanto, há também dificuldades, sobretudo em notificar os clientes, “porque, muitas vezes, não se encontram em casa durante a semana e, tendo em conta que são milhares de habitações, voltar a passar no mesmo local é difícil”, confessa. “Muitas pessoas que não recebem as notificações solicitaram que estas sejam enviadas para serviços comerciais nas centralidades de Sequele e Kilamba”, esclarece Mário Guerra.

Na semana passada, a ministra do Urbanismo e Habitação, Branca do Espírito Santo, inaugurou o complexo habitacional 04 de Abril em Cabinda, com a dimensão de 36 lotes, com 90 edifícios de três pisos, num total de 800 apartamentos do tipo T4 e T3, para além de outras infra-estruturas sociais. As vendas dessas habitações já estão em curso.



Complexo habitacional
4 de Abril em Cabinda

QUATRO PROVÍNCIAS, QUATRO CENTRALIDADES



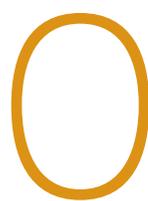
Empresas & Negócios

EFEITOS DA CRISE ECONÓMICA E FINANCEIRA

Porto de Luanda regista um abrandamento na produção em 2015

PERFORMANCE. Os resultados do ano transacto ilustram uma diminuição de actividade portuária nos últimos três anos, com o conseqüente impacto no volume de negócios destaca o relatório do Porto Comercial de Luanda que no entanto não publica valores de receitas.

Por Valdimiro Dias



O volume de negócios do Porto de Luanda registou uma contracção de 32% em 2015 comparativamente ao ano

anterior, situação que está atrelada à crise financeira internacio-

nal, indica o último relatório da direcção Comercial, da instituição, a que o VALOR teve acesso.

O relatório da direcção comercial indica que, em 2015, a produção (volume desembaraçado) se situou em 8,9 milhões de toneladas, uma queda de 4,1 milhões de toneladas em relação a 2014, o melhor ano em registo com 13,06 milhões de toneladas desembaraçadas.

“De um modo geral, os resultados de 2015 ilustram que a produ-

ção portuária registou, nos últimos três anos, um menor volume de negócios”, destaca o relatório que não faz qualquer menção ao valor das receitas arrecadadas.

No período em referência, nos cinco terminais portuários atracaram 6562 navios, 900 de longo curso, enquanto de cabotagem (navegação sem perder a costa de vista) e embarcações de passageiros 5662. Menos 235 navios de longo e menos 1357 navios de cabotagem em comparação com

período homólogo, considerando que no seu todo em 2014 deram entrada nada mais do que 7019 navios.

Na discriminação do tipo de cargas, dos cerca de oito milhões de toneladas de cargas da produção geral, 2,3 milhões correspondem à carga não contentorizada, que também registou uma baixa de 1,5 milhões comparativamente ao período de 2014. O relatório também especifica que, da produção geral por toneladas, 74,8

mil correspondem a graneis líquidos, sendo 1,1 milhões graneis sólidos. O valor de carga geral fraccionada foi de 1,2 milhões mais, 6,6 milhões de carga contentorizada.

Por último, lê-se no relatório que a crise financeira teve um papel fundamental na baixa de navegação que se tem verificado, motivando a ociosidade nos cais operativos, onde os navios de longo curso apresentaram baixas de 21%, e os de cabotagem de 19%.

PUB

Nem o Anselmo resiste!
O café em cápsulas Delta Q é simples, rápido e... delicioso!
Aproveite já a promoção de Oferta de 1 Máquina na compra de outra numa loja perto de ti!

“Este café é um Show”
ANSELMO Rebelo

**OFERTA
1 MÁQUINA
NA COMPRA
DE OUTRA.**

Delta Q
perfeQtly espresso

www.mydeltaq.com
www.facebook.com/deltaq Angola



CONCERA

- ✓ Betão Pronto
- ✓ Pré-fabricados de Betão
- ✓ Pré-esforçados Ligeiros
- ✓ Betuminoso
- ✓ Aluguer de Equipamentos



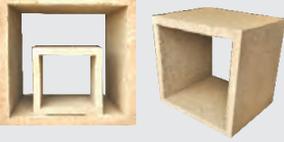
✓ BETÃO PRONTO

- Classes de betão correntes
- Classes de betão especificadas

Para satisfazer as necessidades dos clientes, a Concera, S.A. produz, fornece e disponibiliza o serviço de bombagem do betão pronto, de acordo com as normas em vigor, tipos e classes especificadas.



✓ PRÉ-FABRICADOS DE BETÃO

• Blocos 	• Abobadilhas 	• Lancil 	• Pavê 	• Lajetas 
• Manilhas 	• Grelha de enrelvamento 	• Tubos 	• Cones 	• Caixas de visita 

✓ PRÉ-ESFORÇADOS LIGEIOS

• Vigotas 	• Painel e Laje Alveolar 	• Laje TT 	• Ripas 
--	--	--	--

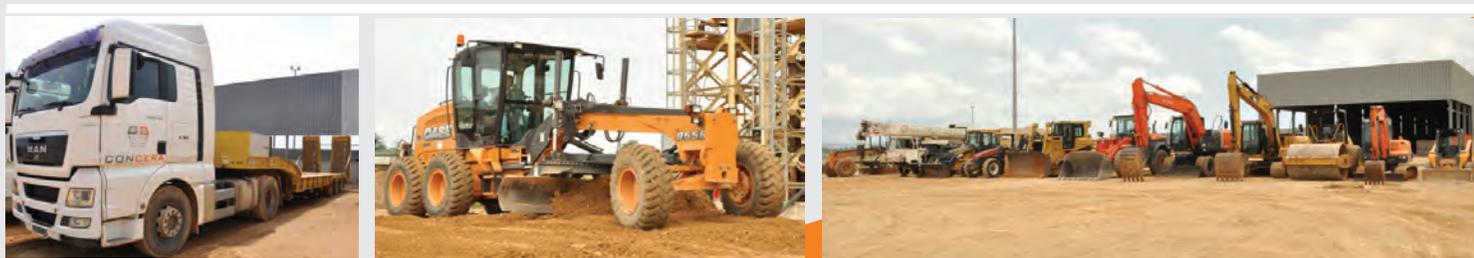
✓ BETUMINOSO

- Massas Asfálticas
- Aplicação de Massas Asfálticas



✓ ALUGUER DE EQUIPAMENTOS

- Máquinas para Movimentação de Terras
- Equipamentos de Movimentação de Cargas
- Transportes de Cargas e Equipamentos



(In)formalizando

Sede da empresa Rede Crédito Angola.



Manuel Tomás © VE

10

Mil kwanzas, valor cobrado pela Rede crédito aos candidatos a uma vaga de emprego e aos interessados em ter acesso ao crédito.

40

Pessoas, que a Rede Crédito Angola empregou para os seus quadros numa primeira fase para trabalhar na Província de Luanda.

15

Mil kwanzas, valor de subscrição na Cooperativa de Crédito dos Funcionários da Presidência da República (COOCREFP) tem como objectivo o desenvolvimento de programas de poupança dos associados

Cooperativas devem actualizar estatutos



As cooperativas que já existiam, antes da aprovação da nova lei das cooperativas, há nove meses, devem actualizar os seus estatutos. O aviso foi feito durante a Conferência Nacional Sobre o Cooperativismo, promovido pelo Ministério da Economia.

Em Angola, há muitas cooperativas mas são as do ramo agropecuário que mais sobressaem. Dados da UNACA - Confederação das Associações de Camponeses e Cooperativas Agropecuárias - apontam para a existência de 2.038 cooperativas, só neste sector. Uíge com 426 cooperativas agrícolas, Huíla com 196 e Benguela com 193, são as províncias que lideram. Mas algumas dessas agremiações nem sequer têm suporte legal.

As cooperativas queixam-se de vários constrangimentos, sendo a falta de financiamento o principal. Cerca de 70% sustenta-se com meios próprios e o restante beneficiou do 'crédito agrícola de campanha'.

Na Conferência que juntou, na ENAD, cooperativas, associações empresariais e funcionários da administração pública, os representantes dos bancos esclareceram que a falta de abertura se justifica pelo facto de as cooperativas não apresentarem documentos de suporte que sirvam de garantias, sendo que muitas não dispõem sequer de qualquer património.

A conferência serviu também para a divulgação da lei das cooperativas, aprovada há nove meses.

INICIATIVA VISAVA IMPULSIONAR O EMPREENDEDORISMO

Rede “sem crédito”

DÍVIDAS. A Rede Crédito Angola está com dificuldades de cumprir as promessas feitas no ano passado, alegadamente, devido à crise financeira. Do lado de quem pagou 10 mil kwanzas para ter acesso ao crédito ou emprego exige-se a devolução dos valores.

Por José Zangui

A Rede Crédito Angola, a mais nova instituição financeira não bancária, prometeu, no ano passado, conceder crédito a pessoas com espírito empreendedor e até emprego para, cobertura da rede de agências que viria a abrir, ini-

cialmente em Luanda e mais tarde noutras províncias.

Para tal os interessados, quer do crédito quer do emprego, como primeira condição, tinham de depositar 10 mil kwanzas na conta da instituição, para terem acesso a uma formação sobre gestão de negócios.

Na altura da abertura da Rede Crédito Angola, a sua administradora Alexandrina Narciso referiu que o montante máximo de crédito era de seis mil dólares, tendo garantido que, apesar da crise, não teriam qualquer dificuldade porque o dinheiro viria dos seus parceiros de países externos, como o Canada e o Brasil, e que o mais importante

era que os projectos fossem viáveis.

Dez meses depois, nenhuma promessa foi cumprida. As pessoas formadas para o emprego aguardam, mas sem horizonte de tempo e as que se candidataram ao crédito “desesperam”. Muitos dos candidatos procuram a instituição para exigir a devolução dos valores.

A administradora da empresa, Alexandrina Narciso, em declarações ao VE, reconhece o atraso, mas explica que, no caso do emprego, “só aqueles que tiveram aproveitamento na formação é que constam na sua lista de espera e esclarece que os 10 mil kwanzas foram entregues para a formação”. A responsável da

Rede Crédito Angola lamenta o facto de no país “nem sempre as coisas acontecem como o desejado” e a ideia de conceder financiamentos mantém-se. “Houve um primeiro passo que foi o pequeno financiamento a mulheres, agora estamos a trabalhar com os parceiros externos para que se comece atender os pedidos de projectos com valores acima dos cinco mil dólares”, garante.

Sobre as promessas de emprego, a gestora afirma que foram feitas, porque se previa a abertura de novas agências, e para tal os candidatos deveriam frequentar uma formação, pagando cerca de 10 mil kwanzas. “No fim da formação escolhem-se os mais habilitados para fazerem parte do pessoal da Rede Crédito Angola, temos uma base de dados dos mais habilitados, mas isso não se concretizou devido à desaceleração da economia”, justifica, lembrando que não é apenas a Rede crédito Angola que vive dificuldades, e pedindo “paciência” a quem tenha feito a formação, já que “o espírito que motivou a criação da instituição se mantém”.

CHEGOU O TEU JOGO ONLINE DE APOSTAS DE FUTEBOL.



GANHA PRÉMIOS FANTÁSTICOS.

Faz as tuas apostas no website e habilita-te a ganhar prémios semanais, mensais e ao grande prémio de época. Vais ficar fora de jogo?



Imagens dos prémios são meramente ilustrativas. Os prémios podem sofrer alterações.



APOSTA ONLINE É GRÁTIS

CONSULTA O REGULAMENTO E SABE MAIS NO NOSSO SITE.



PARA GANHAR, BASTA JOGAR!

WWW.TOTOGOLO.CO.AO

DE JURE



© DR

15

De Maio, data prevista da entrada em vigor do novo diploma jurídico.

180

Dias, prazo de validade da licença provisória que precede a classificação definitiva.

DECRETO ENTRA EM VIGOR A PARTIR DE MAIO

Empreendimentos turísticos com novo regime jurídico

REGULAMENTAÇÃO. Diploma estabelece os requisitos legais e processos aplicáveis à instalação, exploração e funcionamento de diversos tipos de empreendimentos turísticos.

Por António Nogueira

O diploma deverá entrar em vigor no dia 15 de Maio, segundo indica o decreto presidencial nº. 36/16. Entre as principais novidades, o novo documento legal determina que “os esta-

belecimentos já existentes devem ajustar-se aos requisitos previstos no diploma, no prazo de um ano a contar da sua entrada em vigor”.

Estabelece igualmente que “as empresas exploradoras devem fornecer os elementos necessários ao seu registo no prazo de 60 dias, igualmente a contar da data de entrada em vigor do decreto”, reforçando que este regime se aplica também a empreendimentos em obras ou a aguardar autorização de abertura.

Em termos genéricos, o diploma

MEMORIZE

● **Onovo regime** estabelece que, em todos os empreendimentos turísticos, é obrigatória a afixação, no exterior, junto da entrada principal, da placa identificativa da classificação da unidade turística.

“aplica-se às actividades dos empreendimentos turísticos, do sector público e privado, dirigi-

das a turistas, a consumidores de produtos e serviços turísticos, bem como intervenientes na actividade destes empreendimentos”.

Este regime não abrange as instalações ou estabelecimentos que sejam explorados sem intuito comercial ou para fins exclusivamente de solidariedade social e cuja frequência seja restrita a grupos limitados.

LICENÇA E ALVARÁ

Em relação a este capítulo, o novo diploma estabelece que o “interessado deve requerer a concessão da licença de utilização para fins turísticos” e também a vistoria da obra para a concessão de alvará, após a conclusão da obra. A vistoria deverá ocorrer no prazo de 15 dias úteis a contar da data de entrada do requerimento nos serviços do órgão competente.

“Concluída a vistoria, após ter sido lavrado e assinado o auto, tendo este sido favorável, é atribuída a licença de natureza provisória que tem a validade de 180 dias”, estabelece ainda o novo regime, acrescentando que “findo este período é realizada a vistoria, a requerimento do interessado, para atribuição da classificação e licença definitiva”.

A nova vistoria é realizada no prazo de 20 dias por representante do órgão competente e um representante da associação da classe, sendo o resultado comunicado no

prazo de 30 dias a contar da data da última vistoria. “Se nos prazos mencionados não se realizar a vistoria ou a comunicação, a classificação provisória considera-se definitiva”, indica o documento.

Um outro elemento a destacar tem que ver com a classificação dos empreendimentos turísticos, um acto que, segundo o novo regime, tem, como finalidade, atribuir, confirmar ou alterar a tipologia e a categoria dos empreendimentos turísticos.

Os empreendimentos, com excepção dos parques de campismo e caravanismo, categorizam-se, atendendo à qualidade do serviço e das instalações. O departamento ministerial responsável pela Hotelaria e Turismo pode, segundo o novo diploma, determinar a realização de uma vistoria de classificação ao empreendimento turístico, sempre que houver qualquer reclamação registada, sobre as condições de instalação e prestação do serviço proporcionado e publicitado por este.

O novo regime estabelece igualmente que, “em todos os empreendimentos turísticos, é obrigatória a afixação no exterior, junto da entrada principal, da placa identificativa da respectiva classificação” e que “a classificação dos empreendimentos turísticos deve ser revista, obrigatoriamente, de três em três anos”.

100.000

BOAS NOTÍCIAS PARA ANGOLA.



EM TODAS AS PROVÍNCIAS.

Agora, o jornal que você não dispensa para estar bem informado vai estar nas mãos de muitos mais angolanos. O Nova Gazeta tem **cem mil exemplares, todas as quintas-feiras**. Para chegar com força a todas as províncias. Com a imparcialidade, as notícias, a crítica e a actualidade que fazem falta.

www.novagazeta.co.ao

100 MIL. SEM CUSTO.

FORMAÇÃO

Gestão do agronegócio em seminário

Começa hoje o seminário 'Gestão do Agronegócio 2016', uma parceria entre a Angola School of Management (ASM) e o Banco de Desenvolvimento de Angola (BDA). O evento vai decorrer em Luanda e estende-se até ao dia 22.

A iniciativa vai contar com a participação de professores e empresários argentinos e, numa primeira fase, é direcionada aos médios e grandes investidores da agricultura, em Angola, e empresários que beneficiaram de investimentos do BDA. O programa poderá posteriormente ser estendido a cooperativas e pequenos agricultores.

Com temáticas ligadas ao planeamento e estratégia, logística, gestão e estratégia, liderança, inovação e marketing, o evento pretende, segundo o director-geral da ASM, José Maria Wanessi, a "partilha de experiências nas áreas do agronegócio, entre angolanos e argentinos".

O administrador executivo do BDA, Valter Barros, declarou que, em Angola, há "muitos" investimentos no sector de equipamentos, nos processos de produção, mas "pouca iniciativa" no âmbito da formação dos empresários da área. "Um dos constrangimentos na actividade é a qualidade e o nível de formação dos empresários da área do agronegócio." As inscrições são limitadas e podem ser feitas ao preço de 45 mil kwanzas.

A Angola School of Management é uma instituição de direcção e negócios, que surgiu por iniciativa de quadros de instituições públicas e privadas com parceria e colaboração de entidades estrangeiras. A escola dedica-se à formação e ao aperfeiçoamento de empresários com base no método de caso.

Isabel Dinis

MEGA-INVESTIDOR POSSUI FORTUNA AVALIADA EM 24,2 MIL MILHÕES USD

O que ensina George Soros para se atingir a riqueza

ESTRATÉGIA. Ganhou 1 milhão de libras num único dia e a fama de ter sido "o homem que quebrou o Banco da Inglaterra", após ter apostado alguns milhões de dólares contra as previsões do banco central inglês de que a libra esterlina se manteria em alta. Conheça os 'segredos' que permitiram ao multimilionário acumular riqueza.

Por Redacção

George Soros defende a tese de que "quem investe já está cansado de saber". Advoga que estudar o mercado, escolher as melhores aplicações e acompanhar a evolução dos investimentos não é uma tarefa exactamente divertida. E, se for divertida demais ou envolver outras emoções, algo pode estar errado.

A media caracteriza-o como "frio" e "calculista" na forma como realiza os seus investimentos, precisamente para evitar que sentimentos o desnorciem e distorçam resultados".

"Ao agir de forma racional, o investidor passa a enxergar com mais clareza os riscos aos quais está sujeito, não deixando que o optimismo por excesso o leve a arriscar demais".

"Por isso, vale pensar duas vezes", aconselha Soros, reforçando que "talvez aquele investimento aborrecido e monótono pode trazer retornos mais seguros e consistentes do que aquela apli-

cação que te obriga a tomar decisões todos os dias e que esconde sempre alguma surpresa".

"Não há nada errado em correr riscos, desde que não se arrisque tudo", defende o multimilionário. Ainda que seja possível dizer que Soros é quase a personificação da frase "quem não arrisca não petisca", já que ele acumulou boa parte de sua fortuna com operações ousadas, também é certo dizer que ele toma riscos sem tirar os pés do chão. Por essa razão, Soros, assim como outros investidores experientes, buscam diversificar os seus investimentos, para que no momento em que uma estratégia se revele errada, outras possam mitigar as perdas.

George Soros é muito conhecido pelo seu perfil agressivo de investimento e por "remar contra a maré". Criou a teoria da 'reflexividade', segundo a qual quando os mercados se afastam do equilíbrio, como num movimento de alta brusca, as próprias atitudes dos participantes contribuem para que esse desequilíbrio seja perpetuado, como um reflexo.

O gestor procura identificar esses movimentos de desequilíbrio e a capacidade que eles têm de se retroalimentar. Por isso, segue algumas tendências, por mais que elas contrariem teses científicas e fundamentos porque, segundo a sua teoria, a própria tendência altera fundamentos e leva a lógica a falhar.



"Existem tendências no mercado que nem sempre são razoáveis", lembra, salientando que é importante raciocinar muito antes de entrar no investimento sobre o qual todos os seus amigos comentam.

Apesar de ter criado a 'teoria da reflexividade', Soros admite que em alguns momentos os seus movimentos não eram muito diferentes de um percurso aleatório.

"Saber que o mercado é imprevisível é uma das principais lições que o investidor deve aprender, tanto para se dar conta de que a

sua aposta pode dar errada, quanto para entender que é preciso se prevenir e não concentrar todos os investimentos numa aplicação só", aconselha.

A fortuna de George Soros é avaliada em 24,2 mil milhões de dólares, segundo a revista Forbes. O 16º mais rico dos EUA nascido em Budapeste Hungria, fugiu do nazismo e depois do comunismo e trabalhou como empregado de mesa antes de se tornar num gestor de um fundo de investimento em Londres, Inglaterra.

A nova Contribuição Especial sobre as Operações Bancárias



Estela
Silva

"Tax Manager EY Angola"

A desaceleração registada na economia angolana, por via do agravamento da quebra das receitas com a exportação do petróleo, dado o rápido declínio da cotação do barril de crude nos mercados internacionais, veio impor uma forte pressão no Executivo Angolano na angariação de receitas para 2016.

Neste contexto, o Presidente da República, no uso da autorização legislativa que lhe foi concedida pela Lei do Orçamento de Estado de 2016, introduziu uma nova Contribuição Especial sobre as Operações Bancárias, a "CEOB", que deverá vigorar durante o ano económico e financeiro de 2016. O diploma que aprova o respectivo regime jurídico foi publicado no passado dia 24 de Fevereiro e entra em vigor no próximo dia 24 de Maio de 2016.

A CEOB, cuja taxa é de 0,1%, será devida nas operações bancárias liquidadas ou realizadas pelas instituições financeiras bancárias e instituições financeiras não bancárias, sobre as quais recaí a obrigação de entrega dos montantes desta Contribuição Especial ao Estado, ainda que o respectivo encargo seja suportado pelos titulares das contas bancárias que são movimentadas (empresas e particulares).

A obrigação tributária da CEOB considera-se constituída no momento da realização das operações bancárias, data na qual as instituições financeiras devem realizar a liquidação e proceder à entrega imediata do imposto aos cofres do Estado, sob pena de multa correspondente ao triplo do valor da Contribuição Especial devida, sem prejuízo de outras penalidades estabelecidas no Código Geral Tributário. Nos termos deste regime, são consideradas operações ban-

cárias quaisquer operações liquidadas ou lançamentos realizados pelas instituições financeiras bancárias e não bancárias que se traduzem na circulação escritural ou física de moeda e que resulte na transferência da titularidade dos mesmos valores, créditos e direitos, designadamente as operações a débito, por instituição financeira bancária, em contas correntes de depósito, empréstimos, poupanças, caucionadas ou outras; as operações a crédito, por instituição financeira bancária, em contas correntes; a liquidação ou pagamento, por instituição financeira bancária, de quaisquer créditos, direitos ou valores, por conta e ordem de terceiros, que não tenham sido creditados, em nome do beneficiário, nas contas referidas supra; as

operações e qualquer outra forma de movimentação ou transmissão de valores e de créditos e direitos de natureza financeira, não relacionados com o previsto nas alíneas anteriores, efectuados pelos bancos comerciais; qualquer outra movimentação ou transmissão de valores e de créditos e direitos de natureza financeira, independentemente da pessoa que efectue ou dos instrumentos utilizados para a realizar; serviços de pagamento; emissão e gestão de outros meios de pagamento, não abrangidos supra, tais como cheques em suporte de papel, cheques de viagem em suporte de papel e cartas de créditos; operações sobre pedras e metais preciosos, nos termos estabelecidos pela legislação cambial; operações realizadas nos

mercados interbancários; compra e venda de divisas e as operações de liquidez realizadas pelos bancos comerciais.

Não estão sujeitas a CEOB as transferências abrangidas pelo Regime Jurídico da Contribuição Especial sobre as Operações Cambiais de Invisíveis Correntes, bem como as transferências entre contas correntes do mesmo titular, ainda que a mesma conta tenha outros titulares.

São ainda consagradas várias isenções subjectivas e objectivas visando situações particulares e específicas. Assim, estão isentos da Contribuição Especial, quando este constitui seu encargo, o Estado e quaisquer dos seus serviços, estabelecimentos e organismos, ainda que personalizados, excepto as empresas públicas.

Doutra face, estão expressamente isentos da CEOB as operações e movimentações bancárias e financeiras que se traduzam no pagamento de salários, subsídios, bem como outras componentes remuneratórias; no estorno de quaisquer operações efectuadas com erro; as operações de cheques e documento compensável e seu respectivo estorno, devolvidos nos termos das normas do Banco Nacional de Angola (BNA); as operações realizadas pelo BNA, na qualidade de sujeito passivo; o resgate de contas poupança; as operações de compensação que os bancos realizam para regularizar os débitos efectuados nos Terminais de Pagamento Automático de clientes que pertencem a outros bancos.

Caberá à Administração Geral Tributária, com a colaboração do BNA, fiscalizar o cumprimento das obrigações previstas neste regime. Trata-se, assim, de mais uma medida excepcional adoptada pela Executivo que visa atenuar os impactos adversos que a situação económica actual acarreta.



Caberá à Administração Geral Tributária, com a colaboração do BNA, fiscalizar o cumprimento das obrigações previstas neste regime. Trata-se, assim, de mais uma medida excepcional que visa atenuar os impactos adversos que a situação económica actual acarreta.

Internacional

CHUMBADAS CINCO PROPOSTAS

EUA exigem aos bancos estratégia contra crise

PLANOS. Para evitar novas intervenções estatais, os EUA exigem aos cinco maiores bancos que apresentem planos que evitem falências.

Cinco grandes bancos dos Estados Unidos da América, JPMorgan, Bank of America, Wells Fargo, Bank of New York Mellon e State Street, viram os planos anti-crise chumbados pelas autoridades reguladoras norte-americanas. “Apresentaram planos não credíveis ou que não facilitaríamos uma resolução ordeira numa situação de crise”, escreve o jornal Financial Times.

Os planos de crise pretendem evitar situações como as que aconteceram em 2008, em que os contribuintes tiveram de pagar os resgates dos bancos

6

meses é o tempo que foi dado aos bancos “chumbados” para apresentar novos argumentos de contenção de crise.

2008

Ano em que o governo norte-americano injectou dinheiro em vários bancos para evitar falências.

(os EUA passaram um cheque de 430 mil milhões de dólares para salvar os bancos). Os cinco ‘gigantes’ foram alertados a rever os planos até Outubro, caso contrário poderão enfrentar uma regulação mais apertada, incluindo rácios de capital mais elevados, maiores exigências de liquidez e programas de desinvestimento de activos forçados. Estas novas exigências surgem num momento em que a campanha para as eleições presidenciais trouxe de volta o debate em torno dos bancos “demasiado grandes para cair”, com os candidatos a realçarem a necessidade de limitar o tamanho das instituições.

Entre os principais problemas encontrados pelas autori-



dades estão o governo das sociedades, a falta de liquidez ou a ausência de detalhes de como lidariam com uma situação de resolução emergente.

No caso do JPMorgan, que divulgou um conjunto de resultados que ficou acima das expectativas, as autoridades pedem mais detalhes sobre como a instituição iria isolar o seu portefólio de derivados numa crise ou sobre “como e se os directores obteriam informação sobre a condição da firma em tempo oportuno”. Já

a fraca liquidez para lidar com uma situação de crise é um dos problemas identificados, no Bank of America, instituição que é ainda acusada de “não ter modelos apropriados”.

As autoridades também detectaram falhas nos planos do Goldman Sachs, Morgan Stanley e do Citigroup, mas a Reserva Federal e a Agência Nacional para a Protecção de Depósitos não emitiram recomendações conjuntas para que estas instituições revissem os planos de crise.

NO OFFSHORE LEVA O NOME ‘ENTERPRISES’

Grupo Espírito Santo visado no ‘Panamá Papers’

O jornal Expresso e a TVI portuguesas revelam que o Grupo Espírito Santo (GES) tinha 300 offshores ligadas à Mossack. O famoso ‘saco azul’, usado para pagamentos não documentados do GES, afinal existia como offshore com o nome Espírito Santo Enterpri-



ses (ESE). Criada através da Trident Trust Company, um centro de offshores nas Ilhas Virgens Britânicas, a ESE terá mudado a gestão fiduciária para o escritório da Mossack & Fonseca, no Panamá, em 2007. Também o nome mudou para Enterprises Management Services. Segundo a investigação, “a ESE tinha contas em dois bancos, o Banque Privé Espírito Santo, na Suíça, e o Banque Internationale à Luxem-

bourg (BIL)”. Outra investigação, realizada desde 2014 pelo jornal Público, a ESE terá tido uma área de actuação em Portugal, Suíça, Brasil, Venezuela e Angola. De acordo com o Público, a ESE movimentava dinheiro através da sociedade suíça Eurofin Securities, de Alexandre Cadosch, que é suspeita de ter ajudado Ricardo Salgado a contornar os limites de exposição do BES ao GES impostos pelo Banco de Portugal.



TRÊS grupos do Japão, Bridgestone, Honda e Sony, suspenderam as operações nas fábricas localizadas no sudoeste do país, por causa do sismo de sexta-feira.



MAIS DE 350 funcionários chineses foram despromovidos ou afastados por negligência, na sequência do desmantelamento de uma rede de venda ilegal de vacinas.

MOÇAMBIQUE ATINGIU NÍVEL DE 'ALTO RISCO'

Banco Mundial pode congelar financiamentos

DÍVIDA PÚBLICA. Além da dívida contraída por via da empresa pública Ematum, num montante de 850 milhões de dólares, surgem agora revelações de outras dívidas que terão sido negociadas junto de instituições financeiras internacionais em 2013.

O Banco Mundial (BM) estará a pôr em marcha um plano que visa o congelamento de empréstimos a Moçambique por causa de recentes revelações, publicadas na imprensa internacional, que dão conta da existência de dívidas contraídas pelo país e que se mantinham em 'segredo'. As notícias dão conta de que uma empresa ligada à marinha de guerra moçambicana, a ProIndicus, obteve até 900 milhões de dólares, em empréstimos secretos, a partir de uma garantia estatal em 2013. A descoberta recente terá forçado o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o BM a reverem a avaliação de sustentabilidade da dívida pública do país, passando a considerá-la de "alto risco".

Segundo a publicação Zitamar News, "o país deixa de ser elegível para aceder aos empréstimos do BM, sendo que, segundo as próprias regras dessa instituição financeira internacional, países com o grau de sustentabilidade da dívida pública no nível de 'alto risco' só podem receber subvenções e não empréstimos".

No final do ano passado, o BM e o FMI realizaram, em conjunto, uma análise de sustentabilidade da dívida pública de Moçambique, tendo classificado o risco de endividamento como 'moderado', fixando-se em 39,9% do Produto Interno Bruto (PIB). "A revelação de novos empréstimos através da ProIndicus, alegadamente para a compra de navios para a marinha e radares para a protecção da costa e águas na-



cionais contra acções de pirataria, significam que Moçambique está agora numa condição de 'alto risco', escreve a Zitamar News.

O caso da ProIndicus foi revelado pelo The Wall Street Journal, nos EUA, que questiona as razões que levaram as autoridades moçambicanas a "esconder dos credores o processo Ematum".

GOVERNANTE NEGA

Na sexta-feira, o ministro da Economia e Finanças de Moçambique, Adriano Afonso Maleiane, negou a existência de empréstimos escondidos, mas admitiu ter havido "alguma confusão" no âmbito do caso do financiamento da Empresa Moçambicana de Atum (Ematum). "Houve alguma confusão e acabou colocando Moçambique num barulho sem necessidade. Tudo aquilo que tem a garantia do Estado está garantido. Assumimos tudo o que havia sido assumido pelo Governo. Essa é a tranquilidade que continuo a dar aos investidores", garantiu Adria-

900

Milhões de dólares, valor do empréstimo secreto dados por uma garantia estatal, tempo que foi dado aos bancos "chumbados" para apresentar

2013

Ano em que o governo de Moçambique deu uma garantia às dívidas da Ematum

no Maleiane à agência Lusa, à margem dos encontros do (FMI) e Banco Mundial que decorrem em Washington.

O grande problema dos investidores é que a existência de

mais empréstimos escondidos pode diminuir as hipóteses de pagamento se Moçambique não tiver condições para pagar a dívida pública. "Entre os títulos de dívida e empréstimos, o Credit Suisse e outros bancos ajudaram Moçambique a pedir emprestado pelo menos 1.470 milhões de dólares só em 2013, o que representa um aumento de 25% face aos seis mil milhões de dívida reportados no final de 2012", escreve o Wall Street Journal. Para o jornal, a conclusão é simples: os títulos de dívida da empresa emitidos com garantia estatal estão ser estigmatizados e "Moçambique está a tornar-se um caso de estudo sobre os perigos de apostar rapidamente em mercados nas margens do sistema financeiro mundial".

O escândalo da Ematum envolve uma empresa atuneira detida por várias entidades públicas, incluindo a polícia secreta, que se endividou à custa da intervenção do governo como avalista e à revelia das contas do Estado e dos financiadores externos.

Inicialmente tido como um negócio privado, através de empréstimos de centenas de milhões de dólares para a aquisição de uma frota pesqueira em França, foi recentemente assumido que a Ematum serviu também para a compra de equipamento militar. Por pressão dos países doadores, o negócio acabou por ser inscrito num orçamento rectificativo no ano passado.

As contas da Ematum têm sido recorrentemente apresentadas pelas instituições financeiras internacionais como um exemplo negativo do estado das contas do país, nomeadamente em termos de transparência.



A RITMO LENTO

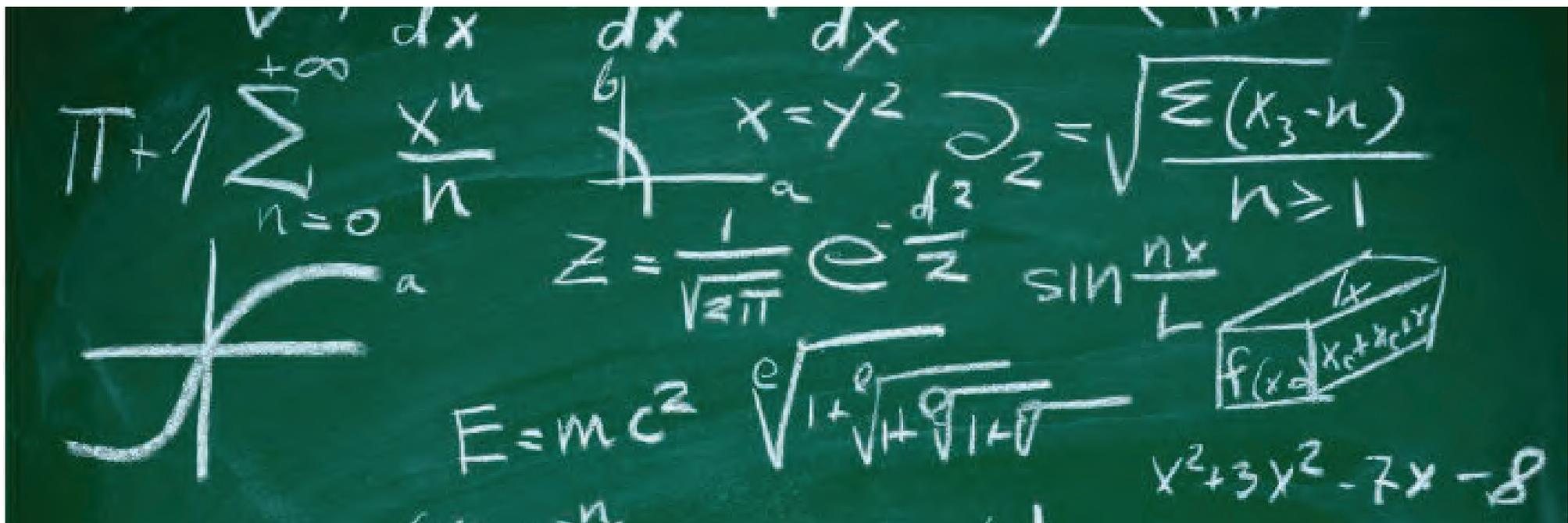
Exportações chinesas aumentam

O Produto Interno Bruto da China cresceu, no primeiro trimestre do ano, mas a economia registou um abrandamento na ordem de 0,1 pontos percentuais, em relação aos três meses anteriores e de 0,2 pontos percentuais face a 2015.

Apesar do mau desempenho global, a China registou indicadores positivos. A actividade manufacturera expandiu pela primeira vez em nove meses, enquanto as exportações aumentaram 18,7%, em termos homólogos. Em 2015, a segunda maior economia do mundo cresceu 6,9%, no que foi o ritmo mais lento dos últimos 25 anos. No entanto, as exportações aumentaram 18,7% em Março, comparativamente a 2014. Totalizaram 1,05 mil milhões de yuan (158 mil milhões de dólares), revelam dados oficiais.

As importações do 'gigante' asiático recuaram 1,7%, para 855,5 mil milhões de yuan (131 mil milhões de dólares). O superávit comercial do país cresceu para 194,6 mil milhões de yuan (27,5 mil milhões de dólares), 13 vezes o valor registado no mesmo mês de 2015.

Educação



ORGANIZAÇÃO NECESSITA DE APOIO LOGÍSTICO

Colóquio africano de matemática em Luanda

CONFERÊNCIA. A Universidade Agostinho Neto precisa de patrocínio para a realização, em Luanda, de uma conferência africana sobre matemática, agendada para Agosto.

Por António Miguel

A Faculdade de Ciência, da Universidade Agostinho Neto (UAN), vai realizar, de 22 de Agosto a 2 de Setembro, em Luanda, um congresso africano de matemática. O intercâmbio sobre o desenvolvimento

da disciplina em países africanos é um dos objectivos da organização. “Também para romper o isolamento de matemáticos africanos, com o intuito de os inserir no seio de matemáticos do mundo”, defende a responsável do evento, Maria de Natividade.

Na primeira semana, serão ministrados sete cursos, enquanto, para a segunda, estão previstas quatro plenárias. As aulas vão ser ministradas por dois professores angolanos, dois da África do Sul, um dos Camarões e dois de Espanha. Para as palestras, os oradores vêm do Brasil, África do Sul e Espanha. Coordenado pelo departa-



Maria de Natividade, coordenadora do projecto

Santos Samuessa © VE

50

estudantes e 10 docentes, entre angolanos e estrangeiros, vão participar no congresso sobre matemática em África.

31

de Maio é a data limite para as inscrições ao evento.

mento de matemática, da Faculdade de Ciência da UAN, chefiado por Maria de Natividade, o evento vai contar com a participação de 50 estudantes (20 de Luanda, 15 vindos de outras província e 15 de países africanos).

Os critérios de selecção dos participantes dão prioridade a estudantes que estejam a fazer mestrado e doutoramento, mas licenciados também poderão concorrer ao certame, que já tem as inscrições abertas até 31 de Maio. Foi criado um comité científico que tem a responsabilidade de seleccionar os estudantes candidatos. “Geralmente, quando

um estudante está a fazer doutoramento, faz investigação numa área específica. Então, estes cursos vão potenciá-los nas suas pesquisas. Também vão incentivar estudantes licenciados a fazer mestrado e doutoramento na área de matemática e cursos afins como a ciência de computação”, deseja a docente.

Este congresso, oficialmente denominado Escola Africana de Matemática, é da responsabilidade do Centro Integrado de Matemática Pura e Aplicada (CIMPA), uma associação internacional, sem fins lucrativos, sediada em Nice, França. A escola é realizada

anualmente, em todo o mundo, sendo esta a primeira que ocorre em Angola. No entanto, no ano passado, dois angolanos, licenciados em matemática, participaram na formação que teve lugar na África do Sul.

FALTAM PATROCÍNIOS

A quatro meses da realização da Escola Africana de Matemática, na capital angolana, a organização ainda não tem quaisquer condições logísticas. Segundo Maria de Natividade, é da responsabilidade local a criação de condições materiais e de alojamento para todos os participantes. “Já sabemos a situação que o país está a atravessar. A Universidade Agostinho Neto não está isenta disso. Então estamos a pedir patrocínio, porque este evento também é um bem para o país.”

A actividade académica vai acontecer no campus universitário da Universidade Agostinho Neto, situado no Camama. Mas a organização necessita que apareçam empresas para patrocinar o apetrechamento da sala de conferência, com 60 computadores. Precisa-se ainda que surjam patrocínios para alojamentos (por duas semanas) de professores e estudantes que vêm de fora de Luanda. 40 mil dólares também serão necessários para custear outras despesas.

Várias cartas de solicitação de patrocínios já foram endereçadas a diferentes instituições, inclusive aos ministérios do Ensino Superior e da Ciência e Tecnologia. “Até agora, estamos à espera de ‘feedback’. Alguns já nos disseram que não têm dinheiro. Mas estou todos os dias a ir aos ministérios e a empresas privadas.”

Ambiente & Tecnologia

NATIONAL GEOGRAPHIC EM EXPEDIÇÃO

Descobertas mais de 300 novas espécies de animais

PESQUISA. Especialistas da National Geographic descobriram, em Angola, vários novos tipos de animais e plantas.

Pelo menos 367 novas espécies de aves foram descobertas em Angola por especialistas da National Geographic, na sequência de uma expedição realizada em Março. Nas pesquisas, que ocorreram ao longo dos rios Cuito,

Cuanavale e Cubango, (províncias de Kuando-Kubango e Moxico), foram colhidas ainda 18 amostras de mamíferos, incluindo morcegos, leopardos e mabecos. 14 tipos de répteis e anfíbios, um dos quais novo para o país e três novos para a ciência, também foram colhidos.

Os especialistas capturaram ainda para estudos 50 espécies de



peixes, sendo três dos quais novidades. Em relação à flora, 802 amostras de diferentes plantas foram analisadas, enquanto 506 se revelaram como novos registos. 40 variedades

de insectos, adicionados a 20 borboletas e 30 libélulas, estão também incluídas na lista das pesquisas científicas. 12 áreas húmidas foram seleccionadas como tendo poten-

cial de importância internacional.

A pesquisa, financiada pela National Geographic Society, envolve 14 especialistas e está orçada em cerca de um milhão de dólares. Começou em Julho do ano passado e termina em 2018, ocorrendo de forma faseada. Esta segunda etapa demorou 40 dias.

A primeira levou 43 dias e envolveu 43 peritos. A expedição teve, como objectivo, explorar e identificar as distintas espécies aquáticas e terrestres da região leste de Angola.

Segundo o director técnico do Pólo de Desenvolvimento Turístico da Bacia de Okavango, João Sebastião, a segunda fase de pesquisas trouxe “dados novos e importantes elementos” sobre a biodiversidade no Kuando-Kubango e Moxico, o que permite que estudantes angolanos da Universidade Cuito Cuanavale possam realizar investigações científicas, baseadas nos dados agora apresentados.

O coordenador da expedição e líder do Okavango Wilderness Project, Steve Boyes, explica, por sua vez, que os resultados da investigação vão continuar a ser mostrados através dos meios de comunicação social. Afirmou que a realização da excursão, ao longo dos rios angolanos, representa uma contribuição para o desenvolvimento do turismo no território angolano. A National Geographic tem contado com o apoio do Governo angolano e da organização não governamental Hello Trust.

BATERIA PODE DURAR MAIS DE DOIS MESES

Kindle Oasis, mais leve, mais fino e mais caro

O novo Kindle Oasis, leitor de livros digitais desenvolvido pela Amazon, é o mais leve, o mais fino e o mais caro de sempre. A empresa promete ainda uma bateria que pode durar “meses e meses” e uma tela mais brilhante. O aparelho é o mais recente membro da família Amazon. O design é ousado, ténue e fino, com a parte mais grossa do lado da palma da mão, para que seja mais confortável de pegar. Caso o usuário queira, pode adicionar uma capa com bateria própria e que promete uma duração

de dois meses, diferente de outros Kindles. O aparelho foi apresentado na semana passada e está a gerar ‘muita’ expectativa para quem já acompanhou as outras gerações da marca. Sétimo da marca, inicialmente o Oasis vai custar 289 dólares. A Amazon justifica o preço com a capa de couro que contém uma bateria, aumentando significativamente o



ciclo de recarregamento, pode ler-se na página oficial da marca. O Kindle Oasis pesa apenas 131 gramas, menos 20% do que qualquer outro Kindle. O jornal americano The New York Times faz a comparação com o mais recente iPad Mini e afirma que

o aparelho da Amazon é 283 gramas mais leve que o da Apple. Outra mudança que merece destaque é o regresso de botões. As teclas, que já foram abundantes, tinham desaparecido

do aparelho. O primeiro Kindle, de 2007, por exemplo, tinha um teclado físico, que foi mantido até à terceira geração do leitor electrónico. No Oasis, as teclas não foram ressuscitadas completamente. Só duas voltaram: uma com a função de avançar e outra para retroceder. Fora as ‘boas-novas’, o novo leitor mantém funções como, a capacidade de retomar em aplicativos para Android e iOS, de pesquisar palavra no dicionário e na enciclopédia online Wikipédia e o destaque de trechos de livros.

Marcas & Estilos

Ócios confortáveis

Há 60 anos que a Charles and Ray Eameses se preocupa com o conforto e vem aperfeiçoando os modelos irresistíveis de poltronas que garantem os melhores momentos de lazer. A espreguiçadeira 'Eames Lounge Chair' é um exemplo do design, considerado o melhor do século XX, com o assento regulável em base de alumínio e adequado a pisos irregulares.

A hora do detalhe

Com um formato convexo e visor em safira e números romanos, o relógio Portofino Chronograph carrega um toque desportivo da família Portofino, além dos impressionantes botões que lembram o cockpit dos anos 1960.

Sobre passos firmes

Com a sola interior e o forro feitos à mão, os saltos-altos italianos, também pintados à mão, apresentam exclusividade em cada um dos seus componentes, do cabedal à sola. É peça única e as cores variam conforme a posição.

Viagens em grande estilo

Nunca foi tão fácil transportar de forma discreta. As dez algibeiras do Travel Smart garantem estilo e resistência.

É um casaco perfeito para pessoas em movimento, em qualquer ambiente e clima, em que se pode guardar tudo.

Subtileza feminina

Os ganchos dourados para cabelo da Chlo laureiam a imagem com a subtileza de que precisa. Esculpidos com materiais dúcteis, os fechos são levemente moldáveis, o que facilita o manuseio onde quer que esteja.

Para recordações indelévels

A Leica (X-E TYP 102) é uma câmara digital que ostenta uma aparência elegante, com a parte superior feita com tonalidade de titânio, estrutura e botões operacionais prateados, bracelete em cabedal, muito parecida tecnicamente ao Leica X2. É a mais compacta das câmaras X. Proporciona as melhores experiências com um simples toque, para guardar os seus momentos de alegria. Traz uma lente de 35mm/f2.8, uma bateria, um carregador e uma pasta com alça de couro.



RESTAURANTE

Um kimbo perfeito

Há um oásis no meio da confusão luandense, sobretudo com as estradas: o restaurante Kymbu, entre Talatona e o Morro Bento. Rodeado por casas de madeira e vizinho de uma piscina, o exotismo do restaurante é sublinhado pela decoração: máscaras africanas, de diversos locais, paus trabalhados a suportarem candeeiros, luzes ténues que criam um ambiente especial, uma varanda colada ao jardim com cadeirões para quem queira esperar. Ah e deve ter o wc mais limpo e mais bonito da capital.

No meio disto, agora o Kymbu tem um toque especial: música ao vivo às sextas-feiras criando um espaço intimista que já faltava. Bem, como se trata de restaurante, é melhor falar da comida. Aos domingos, há a tradicional angolana em 'buffet', em que não falta (quase) nada. Dos funges ao peito alto, do muzongue ao calulu. No resto da semana, recomenda-se o polvo grelhado que vem com carne e batata doce ou o bife de atum com funge ou ainda a beringela gratinada para quem se aventura pelos vegetarianos.

AUTOMÓVEIS

Um SUV de luxo

A Lincoln distingue-se por alimentar uma velha rivalidade com a Cadillac que remonta anos. Mas também por ser a marca de excelência das limusines e dos carros de luxo, que os bilionários dos mundos dos espectáculos gostam de exibir. Pelo meio, tem um dos SUV mais luxuosos do mercado, o Lincoln Navigator. O primeiro modelo já data de 1998, mas a ver-

são deste ano, considerada a terceira geração, tem um motor Eco, de seis velocidades automáticas, tração às quatro rodas e um interior todo ele de luxo. A versão, sem os extras como uma parafernália de malas, correntes e acessórios para montanha, custa pouco mais de 77 mil dólares nos EUA. Este ano, a Lincoln lançou menos de 12 mil automóveis deste Navigator.



“Sinto-me acolhida em qualquer parte do mundo. Porque, quando não sou acolhida, faço-me acolher, faço por me aceitarem.”

“Fui uma das grandes lutadoras para a mudança de mentalidade de muitos africanos, enquanto vivi na Europa.”

DINA SIMÃO, APRESENTADORA DE TV E ESTILISTA

“Virei estilista por um grito contra o racismo”

ENTREVISTA. Além de ser o rosto dos programas da TV Zimbo ‘Sexto Sentido’ e ‘Show da Zimbo’, é estilista de renome e directora da Academia ‘Arte e Fashion’. Natural da Lunda-Norte e licenciada em Relações Internacionais e em Recursos Humanos, conta com 26 anos de carreira. Na sua colecção, há mais de 15 troféus nacionais e internacionais.

Por Lúcia de Almeida

já usava mistura dos panos africanos com ocidentais.

Actualmente onde se sente mais acolhida?

Sinto-me acolhida em qualquer parte do mundo. Porque, quando não sou acolhida, faço-me acolher, faço por me aceitarem, faço o meu trabalho com profissionalismo, empenho e persistência.

Concorda que grande parte dos jovens, em Angola, passou a usar os tecidos africanos por influência dos europeus?

Sim, claro. Porque, infelizmente, nós, os africanos, somos frustrados. Como temos essa influência de não saber valorizar aquilo que é nosso, só aceitamos quando o europeu diz que é bonito. As nossas avós já se vestiam de panos, mas foram muito poucas as que conseguiram transmitir essa tradição para filhos e netos. Os africanos começaram a aceitar quando apareceram algumas artistas internacionais com vestimentas de panos africanos. Fui uma das grandes lutadoras para a mudança de mentalidade de muitos africanos, enquanto vivi na Europa.

A sua origem cokwe influencia muito as suas criações?

Sempre influenciou. Por ter sido bailarina africana, levei toda a

Como surgiu a paixão pela moda?

A paixão pela moda surgiu depois de um curso de manequim feito em Portugal, nos anos 1980. Naquela época, o racismo era evidente, em que as negras não pisavam nas passarelas. Abafavam-me. Apesar da qualidade que tinha e de ter sido a melhor aluna do curso. Na Europa, não era muito favorável o tom de pele negra. Como não sou de desistir, fiz alguns desfiles. Mas, como não era aceite por causa do meu tom de pele, resolvi ser estilista. Por uma questão de revindicação social e para conseguir dar oportunidade a muitas moças negras que viviam em Portugal e que tinham potencial, mas que, por razões raciais, ninguém as deixava entrar nas passarelas. Virei estilista por uma questão de um grito contra o racismo.

E, agora, como é que Portugal vê o seu trabalho?

Vê muito bem. Desde que saí de Portugal passaram-se sete anos, cresci como estilista em todos os níveis e destaquei-me por ser negra e porque primava pela diferença,



Mário Miguel © VE

orientação. Criei a escola de formação de estilismo, corte e costura e ofícios ‘Artes Fashion’. Com o objectivo de colmatar as dificuldades que temos de profissionais de qualidade na moda.

Tem encontrado dificuldades?

Enquanto vivi na Europa conheci os cantinhos todos bons e baratos para se encontrar material.

A crise económica afectou de alguma forma o seu trabalho?

Não. Porque o mundo se abriu, Angola cresceu. Estamos numa casinha de portas abertas viradas para o mundo. Antes éramos um país fechado e hoje não somos mais, apesar de encontrar o material mais caro.

Como consegue conciliar ser apresentadora, estilista, formadora e ainda dona de casa?

Tudo na hora certa e no momento exacto. Quando temos planificação, conseguimos fazer as coisas, acima de tudo quando temos uma família fantástica que nos ajuda a equilibrar a vida. E, quando há este equilíbrio, consegue-se fazer muito mais. Tudo é possível quando temos alicerces bem assentes na terra.

Quais são as suas fontes de inspiração?

As harmonias das cores, as culturas africanas, utilizando para tal a mestiçagem de materiais em que os panos africanos e os seus coloridos contagiam o corpo de quem veste de forma bastante sensual e intelectual.

Que conselho deixa aos jovens que não têm vontade de correr atrás de sonhos?

Quando se sonha, corre-se atrás. Na vida, há duas coisas: quem quer fazer as coisas e quem quer arranjar soluções, caminhos e as energias. Mas quem não quer arranjar desculpas, dores de cabeça, falta de dinheiro. Portanto, apelo a que quem, de facto, quiser que venha ter connosco porque estamos aqui para concretizar sonhos.

PERFIL

Nome: Maria Adelina Simão
Augusto Hoshian
Data de Nascimento: 20 de Setembro
Naturalidade: Lunda-Norte
Estado Civil: Casada
Filhos: 1
Prato favorito: Peixe grelhado com salada
Pior defeito: Falar muito
Maior qualidade: Amiga dos amigos
Clube desportivo: Benfica e 1.º de Agosto
Um estilista: Yves Saint Laurent

cultura da dança cokwe para os palcos mundiais. Desde que me tornei estilista que levo também aos palcos as componentes moda e dança. Fui beber exactamente na Lunda-Norte. Os meus primeiros desfiles de moda e toda a influência que tive eram muito tribais. Todos diziam: “podes gostar muito da tua terra e cultura, se continuares nessa onda, nunca vais ganhar dinheiro, tens de juntar à parte criativa a parte económica”. Fui aconselhada a

criar roupas que fossem vestíveis, embora o traço africano lá estivesse, e foi assim que comecei a mudar o meu estilo saindo daquilo que era extremamente tradicional para apostar numa linha mais clássica. E assim o ‘glamour’ permanece até hoje nas colecções da Dina Simão.

Com quase 26 anos na moda, o que mudou e o que gostava de ver melhorado?

A minha forma de encarar as coisas. Era um bocadinho bruta porque exteriorizava a raiva que tinha, de muitas vezes não aceitarem a minha cultura. Hoje amadureci. Já me posiciono de maneira diferente, consigo fazer entrevistas fazendo percursos interessantes do passado para o presente e remar para o futuro com muita tranquilidade e com os pés bem assentes na terra.

Como está a moda angolana?

Muito bem. Estou tão feliz de estar sempre entrosada com a nova geração, porque os jovens hoje fazem coisas bonitas. Aceitam a nossa cultura e inovam. É dessa juventude rica, cheia de ideias e criatividade, de que África está a precisar. Lido com esses jovens e, depois de ter cerca de 15 troféus, resolvi passar o manual para a nova geração que gosta de moda porque precisa de

NÚMEROS DA SEMANA

917

Milhões de dólares é o montante, em crédito acumulado, concedido pelo Banco Sol à economia nacional, destinado a projectos de investimentos.

60

Milhões de dólares, valor que o grupo Zahara Retalho promete investir na comercialização de vestuário, calçado e acessórios, em quatro províncias: Luanda, Benguela, Huíla e Huambo.

22

Mil é o número de trabalhadores que serão admitidos na função pública, via concurso público, em todo o país, a maioria será colocada em Luanda.

1,7

Milhões de barris é o total da produção petrolífera de Angola, em Março, segundo o relatório mensal sobre o mercado petrolífero, divulgado pela OPEP.

IMPORTAÇÃO

Serviços gastam USD 23,5 MM e bens alimentares USD 3,6 MM

Angola importa mais serviços do que bens alimentares, numa média anual de 23.546 mil milhões de dólares, revela um documento oficial a que o VALOR teve acesso. O documento refere ainda que, de um total de 26 mil milhões de importação média de bens de consumo corrente, bens de consumo intermédio e bens de capital, apenas 14.08% (3.66 mil milhões) correspondem a bens alimentares.

Lê-se no documento que “os serviços de construção, de seguros e de assistência técnica, particularmente ao sector petrolífero, serviços especializados ao Governo e transportes e viagens têm (nos últimos três anos) representado o maior peso no total de pagamentos de serviços ao exterior”.

No final do ano passado, um relatório- parecer, a que a agência de notícias Lusa teve acesso e que “reflete as preocupações manifestadas durante a apreciação do OGE 2016” pelo Parlamento Nacional, defendia a “revisão do excessivo recurso do Estado a



assessorias estrangeiras, devendo estar ser substituídas por empresas nacionais”. No entanto, não foi quantificado o valor despendido pelo aparelho de Estado para as ditas assessorias.

No início de 2015, aquando da publicação de um relatório interno da concessionária nacional de petróleos Sonangol por um jornal português, foi tornada pública a dependência da maior empresa nacional das consul-

torias estrangeiras. O PCA da Sonangol, Francisco de Lemos, afirmou que “se deixou de aprender a saber fazer para apenas saber contratar e subcontratar”. Mais de metade dos trabalhadores na folha de salários, 4500, de um total de oito mil, eram consultores estrangeiros. A consultoria prestada pela empresária Isabel dos Santos à petrolífera seria também composta por estrangeiros.

BANCO VAI DISPERSAR PARTE DO CAPITAL NA BOLSA

Millennium Atlântico inicia operações em Maio

O Millennium Atlântico, que resultou da fusão entre o Millennium Angola e o Atlântico, prevê começar a operar a partir do próximo mês, revelou fonte da instituição ao jornal ‘Negócios’.

Esta data de arranque ficou estabelecida depois de o Banco Nacional de Angola (BNA) ter dado luz verde à operação de consolidação dos dois bancos, que havia sido publicamente anunciada em Outubro de 2015 pelo líder do BCP, Nuno Amado. A nova instituição financeira irá dispersar

33% do capital na bolsa de Luanda. O restante será controlado pelos até agora accionistas do Banco Atlântico e do Millennium Angola.

No Atlântico, o maior accionista é o Interlagos Equity Partners, detentor de 47,5 do capital. Já no Millennium Angola, os principais accionistas são o BCP África, a Sonangol e o Banco Atlântico, com 50,1% e 29,9% e 15% do capital. Segundo a nova instituição, “a decisão de colocação de capital em bolsa revela uma interpretação

adequada dos dois bancos do espírito e da dinâmica que têm marcado os recentes desenvolvimentos no Mercado de Capitais, em Angola”.

“O Millennium Atlântico terá fundos próprios de 800 milhões de dólares”, revela a instituição, em comunicado, assinalando que este quadro “permite reforçar a capacidade de financiamento às famílias, às empresas e aos projectos estruturantes, que contribuem para o fomento da sustentabilidade da economia angolana”.



Benguela retoma fabrico de cadernos

Uma fábrica de equipamentos escolares, com capacidade para produzir anualmente 15 milhões de cadernos do tipo A4 e A5, entre outras linhas, foi aberta, na semana passada, na zona industrial de Benguela.

‘Baptizada’ com o nome de Noveduca, o empreendimento substitui as antigas instalações da estatal Emateb- Empresa de Material Escolar de Benguela, tendo criado 15 postos de trabalho, um número que poderá chegar a 50 empregos em 2017, segundo estimam os promotores do projecto.

Além de cadernos, o projecto conta ainda com uma linha de produção de giz, com capacidade para um milhão de caixas.

A fábrica, inaugurada pelo secretário de Estado da Indústria, Kiala Gabriel, representa um investimento total de 433,6 milhões de kwanzas.

O VALOR ESTA SEMANA

MICROFINANÇAS

Rede Crédito falha promessas

A Rede Crédito Angola enfrenta dificuldades para cumprir com promessas que apontavam para a cedência de crédito. Volvidos nove meses, a situação permanece inalterada. O grupo de candidatos, que chegou a pagar 10 mil kwanzas para um processo de recrutamento e emprego na instituição, pede agora a devolução dos valores. **pág. 20**

POR INDICAÇÃO DO FMI

Governo pode emagrecer

Angola arrisca-se a ter de encolher a administração pública como contrapartida do pedido de assistência técnica que o Governo remeteu ao FMI. A fusão entre ministérios e a redução da fatia orçamental para empresas públicas podem integrar o cabaz de ‘disciplinas’ económicas e fiscais do organismo ao país, projectam economistas. **págs. 8 e 9**



DEVIDO À CRISE ECONÓMICA

Cantinas vão continuar na cidade

O projecto do Ministério do Comércio, que visa encerrar as cantinas urbanas e transferi-las para as zonas rurais e periféricas de Luanda, já não vai arrancar este ano, conforme tinha sido anunciado. O inspector-geral do Comércio, Heleno Antunes, avançou que não há ainda horizonte, em termos de tempo, para pôr em marcha o plano. **pág. 11**